

**HISTÓRIAS DA
ERA AQUARIANA**
para
CRIANÇAS



FRATERNIDADE ROSACRUZ

HISTÓRIAS DA ERA AQUARIANA PARA CRIANÇAS

Volume 4

Compilado por um Estudante da

The Rosicrucian Fellowship

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil
Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82
Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

1ª Edição em Inglês, 1951, *Aquarian Age Stories for Children*,
editada por The Rosicrucian Fellowship

1ª Edição em Português, 1990, *Histórias da Era Aquariana para
Crianças*, editada por The Rosicrucian Fellowship

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro
Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com
contato@fraternidaderosacruz.com
fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	4
A VIAGEM ESPACIAL DE KAREN.....	5
ORAÇÃO MATINAL DA CRIANÇA.....	15
O SACO DE OURO MÁGICO.....	16
A BOLINHA MARRON.....	23
O PINTOR DAS FOLHAS.....	29
CHUVA.....	34
TULIA DE POMPEIA.....	35
JONATHAN E O ANJO.....	43
A MENSAGEM DAS FADAS.....	49
A PRINCESA SIBELE.....	52
COMO O BURRO CONSEGUIU SUAS ORELHAS E SUA VOZ.....	57
A VESTE NUPCIAL.....	65
A PRIMEIRA PÁSCOA.....	68
A LADRA.....	75
O PALÁCIO SOBRE O GRANDE CARVALHO.....	76
A LIÇÃO DE MARINHO.....	80

DEDICATÓRIA

Este volume das *Histórias da Era Aquariana* para crianças é dedicado, com gratidão, àqueles amigos cujo amor pelas crianças, combinado com a sensibilidade às profundas verdades da vida, possibilitaram os autores a escrever estas histórias encantadoras. Muitas delas foram publicadas durante alguns anos na Revista “*Rays from the Rose Cross*”, e expressam muitas fases da sabedoria da Natureza de uma forma que crianças e adultos compreendem muito bem.

“Pequeninos seres” e outras Forças da Natureza mencionados nessas histórias têm aparecido como companheiros de brincadeiras a muitas crianças, que não têm dificuldade em reconhecê-los. Esperamos que outras crianças tomem conhecimento delas, através da leitura deste livro.

Fraternidade Rosacruz, 1951

A VIAGEM ESPACIAL DE KAREN

Dagmar Frahme

— “Três, dois, um, zero – decolou”.

Uma grande chama apareceu na tela da TV e o foguete da lua disparou, em direção ao espaço.

— Puxa, disse Billy. Eu gostaria de poder estar lá com papai.

— Eu não, disse Karen, que tinha seis anos, e queria que papai também não estivesse lá. Seja como for, por que ele tem que ir para a Lua?

— Por que você está tão assustada? quis saber Billy, que aos oito anos não tinha medo de nada. Papai não disse que estava tudo bem? Os astronautas viajam e vão a lugares o tempo inteiro.

— Mas ele está sempre dizendo isso, exclamou Karen, como diz que eu não deveria ficar assustada com relâmpagos, cachorros enormes ou qualquer outra coisa. Mas eu não posso deixar de ter medo e eu queria que o foguete voltasse e que papai viesse para casa.

— Meu Deus, disse Billy profundamente contrariado, você tem medo da sua própria sombra. Não sabe como papai é famoso? Quando voltar, ele será um grande herói e terá sua fotografia em todos os jornais. Por que você está se comportando como um nenê?

Os olhos de Karen encheram-se de lágrimas e ela foi para o seu quarto para Billy não a ver chorar. Ela tentava, o tempo todo, convencer-se de que era tolice ficar com medo, mas não conseguia evitar. Qualquer coisa a amedrontava, todos os dias e, quando mais assustada ela ficava, mas Billy caçoava dela. Karen percebera que seu pai tinha ficado contrariado com ela, algumas vezes, embora sendo tão gentil tivesse procurado não demonstrar. Ela lembrou que se sentou em seu colo um dia antes para se despedir e, apesar do

esforço para ser corajosa, não conseguiu conter o choro e, ao abraçá-lo choramingou:

— Eu queria que você não fosse para a Lua. E lembrou-se de como ele a olhou tristemente e, ao sair sussurrou para sua mãe alguma coisa que Karen não ouviu, então, sua mãe pareceu infeliz também. Como ela queria ser tão corajosa quanto Billy.

— Hora de ir para a escola, crianças; era Mamãe que os chamava.

Então, Karen esfregou os olhos, assoou o nariz e foi até a cozinha pegar a lancheira. Ela estava contente porque ia para a escola — seu pai ficaria fora quase duas longas semanas e na escola, tendo outras coisas para pensar, talvez deixasse de se preocupar tanto com ele. Billy, entretanto, não queria ir, preferia ficar em casa para ver o foguete da Lua pela televisão, mas tanto a Mamãe como o Papai disseram não — a vida tinha que continuar normalmente e a escola era importante.

Billy estava discutindo sobre isso com sua mãe e Karen a ouviu dizer:

— Você vai para a escola agora, Billy. A Senhorita o Miller disse que ligará a TV várias vezes durante o dia, e todas as crianças terão a chance de assistir o voo do foguete.

Karen esperava que sua professora não fizesse sua classe assistir — pois ouvir sobre o que seu pai estava fazendo só a deixaria mais assustada. Ela queria apenas dormir por duas semanas e só acordar quando papai já estivesse em casa.

Karen e Billy foram à escola. As crianças da classe de Karen viam o foguete pela televisão e Karen tentou tapar os olhos, mas as crianças sempre a clamavam para dizer coisas como:

— Puxa! Imagine só, seu pai está lá.

Ela não queria demonstrar a elas que estava com medo. Ao descer para o lanche, Karen passou por algumas crianças maiores que a apontavam e diziam:

— O pai dela é o astronauta, como se estivessem realmente impressionados — e ela não podia deixar que elas percebessem a sua angústia.

No jantar daquela noite, Billy contou como havia passado quase o dia todo contando às outras crianças sobre o que seu pai estava fazendo e ele até conversou com um dos repórteres que estava parado do lado de fora da casa, apesar de sua mãe ter-lhe pedido para dizer apenas “Bom dia” e nada mais. Parecia até, pensou Karen, que Billy era o astronauta e não seu pai.

Ela ficou calada e, depois de jantar, foi brincar quietinha com suas bonecas, enquanto Billy assistia a televisão até a hora que sua mãe deixasse. O locutor da T.V. anunciou que tudo corria bem no foguete e isto fez com que ela se sentisse um pouco mais tranquila. No entanto, quando ela foi para a cama a preocupação voltou. Sua mãe, ao cobri-la, deu-lhe um abraço bem apertado e disse:

— Papai está bem, querida.

Mesmo assim, após mamãe ter apagado a luz e fechado a porta, Karen só conseguiu pensar em coisas horríveis que poderiam acontecer com o foguete. Ela fechou os olhos bem apertados, mas achou que nunca iria dormir.

Logo depois, abriu os olhos e viu uma linda senhora com longo vestido branco, parada ao lado da cama, sorrindo para ela. Karen não teve medo algum da desconhecida, achava que a conhecia de algum lugar, mas não conseguia lembrar de onde.

— Venha comigo, querida, disse a senhora com voz suave, Quero lhe mostrar uma coisa.

E assim, pegou-a pela mão e, como se fosse a coisa mais natural do mundo, viu-se deslizando com a senhora e passando através da parede em direção ao céu. Não pensou que fosse fora de comum atravessar a parede, ou o fato de poder flutuar. As estrelas brilhavam mais do que o normal, então, elas diminuíram a velocidade para admirar tudo à sua volta. A senhora deixou-a olhar por um instante e disse-lhe sorrindo:

— Nós temos que nos apressar agora, Karen. Há muita coisa para você ver nesta noite.

De repente, Karen viu alguma coisa riscando o céu a sua frente. Certamente não era uma estrela — era — era o foguete da Lua!

— Ooooooooooh! exclamou Karen, nós vamos ver papai?

— Sim, querida, disse a senhora. Mas lembre-se de que seu pai não poderá vê-la — ele não saberá que você está aqui.

Karen nem ao menos achou tudo aquilo estranho — ela estava feliz demais, só em saber que iria ver o seu pai.

Quando chegaram mais perto do foguete, Karen viu algo que pareciam vultos flutuando ao lado dele. Estavam rodeados de luzes rosadas e douradas e ela jamais havia visto cores tão bonitas.

— Quem são eles? — indagou.

— Você não os reconhece? perguntou a senhora, sorrindo de novo, algo misteriosamente.

Karen olhou para eles outra vez e tentou descobrir.

— Seriam? eles são — eles não são Anjos, são? murmurou.

— Sim, Karen, eles são Anjos. Seu pai e os outros astronautas pediram a Deus que os ajudassem durante esta longa e difícil viagem, assim, Deus mandou Seus Anjos para estarem com eles e protegê-los.

— Mas papai nunca falou que estava rezando para pedir proteção, disse Karen, e nunca falou sobre os Anjos que viriam junto.

— Ele não sabe que os Anjos estão aí, querida, disse a senhora gentilmente, e nem sabia que os outros astronautas estavam rezando também. Mas isso não tem importância. Deus sabe, e Ele atendeu suas preces e os Anjos cuidarão para que nada aconteça com o foguete.

Karen pensou nisso por alguns minutos, enquanto chegavam cada vez mais perto do foguete. Elas deslizaram bem ao lado dos Anjos, que não sorriram mas olharam para elas com ternura e bondade. Continuaram a deslizar ao lado do foguete. Um dos astronautas dormindo (Karen achou até esquisito, mas não disse nada) e um outro estava olhando um mapa cheio de números. O pai de Karen estava sentado na parte da frente do foguete, olhando o movimento dos ponteiros de alguns mostradores. Ela gostaria de poder dizer-lhe que estava ali, mas lembrou-se do que lhe havia sido dito. Olhou-o por alguns instantes e, então, ouviu a senhora dizer-lhe:

— Nós temos -que voltar agora, Karen. Já está quase amanhecendo.

Karen sabia que seu pai não sentiria mas, mesmo assim, deu-lhe um forte abraço. Ele não se mexeu, mas sua pele ficou enrugada em volta dos olhos, exatamente como fazia quando estava feliz, e sorriu como se estivesse pensando em alguma coisa maravilhosa.

Karen e a senhora se viraram e deslizaram através do lado do foguete, começando a descer em direção à Terra.

Quando Karen acordou na manhã seguinte, pulou da cama, correu para o quarto da mãe, jogou-se na cama dela, dizendo:

— Mamãe, há Anjos em volta do foguete do papai. Eu os vi. Eles vão protegê-lo e ele estará seguro.

Sua mãe a olhou e deu-lhe um abraço bem forte. Tinha uma expressão diferente no rosto e disse:

— Isto é maravilhoso, querida.

Billy ligou a televisão assim que acordou e eles ouviram a notícia sobre um instrumento do foguete que não funcionava bem durante a noite. Karen não compreendeu tudo, mas entendeu muito bem quando acrescentaram que os astronautas conseguiram achar o problema e solucioná-lo.

— Uau! exclamou Billy, até que enfim. Então, ele olhou para Karen que estava sorrindo e disse:

— Você não ficou assustada?

— Não, disse Karen calmamente. Eu sabia que eles conseguiriam. Os Anjos não deixarão que aconteça algo com o foguete, pois Deus os enviou para protegê-lo.

— O quê? perguntou Billy, encarando-a.

— Ela está certa, meu bem, disse a mãe. Todos nós esquecemos de Deus quando Ele deveria ser especialmente lembrado.

Naquela manhã, Karen foi para a escola saltitante e até Billy teve que se apressar para acompanhá-la. Aquele dia, e os que se seguiram passaram rapidamente. Todos os dias chegavam boas notícias sobre os astronautas; algumas vezes, os repórteres de TV tiravam fotografias de Karen e Billy quando estavam indo para a escola ou brincando na rua. Seus avós e alguns amigos que estavam longe telefonaram muitas vezes. Houve também muitas visitas e o tempo passou tão depressa que, antes do que Karen esperava, chegou o dia dos astronautas voltarem para a Terra.

Naquela manhã, quando Karen desceu as escadas, já encontrou a televisão ligada e sua mãe sentada em frente a ela, com lágrimas nos olhos. Billy estava

sentado no chão, perto da mãe, mordendo os dedos e fazendo força para não chorar.

— Já faz mais de cinco horas que o contato com os astronautas foi interrompido, dizia o locutor. Embora o controle terrestre tenha dito que há esperanças, o clima é de grande preocupação.

Karen não sabia exatamente o significado daquelas palavras difíceis, mas sabia que todas estavam preocupados. No entanto, ela não estava nem um pouquinho. Ela sabia que os Anjos estavam cuidando de seu pai e que não havia nada com que se preocupar.

Então, ela olhou para os rostos tristes de sua mãe e de Billy, que tentava enxugar as lágrimas antes que ela as visse — Billy, que *nunca* chorava — então ela lembrou de outra coisa.

— Papai rezou para que Deus o protegesse e para isso Ele enviou os Anjos. Talvez nós devêssemos rezar também para que Deus saiba que *nós* queremos papai são e salvo também, disse olhando para sua mãe.

Sua mãe pegou-a no colo.

— Claro, querida, murmurou. É a *única* coisa a fazer.

Então, todos eles rezaram juntos, afirmando a Deus o quanto eles amavam o pai e pedindo, por favor, que Ele o protegesse e o trouxesse em segurança para casa. Depois disso, levantaram-se e foram fazer tudo o que habitualmente faziam pela manhã. Karen tomou um grande café da manhã, Billy comeu alguma coisa e sua mãe apenas tomou um cafezinho e, de vez em quando, assoava o nariz. Karen sabia que mamãe ainda estava preocupada e por isso queria muito que ela também tivesse visto os Anjos, para que tivesse certeza de que tudo estava bem. Karen já lhe havia contado sobre os Anjos várias vezes e a mamãe sempre sorria com carinho e a abraçava, mas Karen sentia que ela não acreditava nela.

Naquela manhã, pela primeira vez, sua mãe disse que eles não precisariam ir à escola. Karen queria ir, mas havia uma multidão do lado de fora da casa — mais repórteres da televisão e do jornal do que de costume, além de muitos estranhos. Mamãe disse que seria melhor que eles ficassem brincando dentro de casa ou no quintal, até terem notícias de seu pai.



Durante as horas seguintes, houve muito movimento em volta da casa. Os vizinhos entravam e saíam. Uma senhora abraçou a mãe das crianças e as duas começaram a chorar, e um homem que trabalhava com os astronautas chegou em um enorme carro oficial e todos os repórteres o fotografaram quando entrou na casa. Ele e a mãe das crianças conversaram por um longo tempo. Karen só a ouviu dizer, agradecendo:

— Obrigada, mas não é necessário. Eu prefiro ficar aqui com as crianças até que você tenha alguma notícia concreta. Será melhor que eu fique com elas.

O telefone tocava o tempo todo e os avós das crianças disseram que viriam no próximo avião.

Karen olhava para todas aquelas pessoas tão preocupadas e ficava triste por elas. Ela tentou dizer-lhes que os Anjos estavam tomando conta de seu pai, mas elas apenas diziam: “Que Deus a proteja” ou “Que doce de criança,” mas ninguém parecia feliz quando ela falava e uma senhora até começou a chorar.

Finalmente, Karen foi para o quintal e começou a brincar sozinha. Billy ainda estava sentado em frente à televisão que estava agora com sua programação normal, mas que era interrompida, de vez em quando, pelo locutor que dizia:

— Senhoras e Senhores, ainda não há notícias dos astronautas perdidos.

Karen tentava levar Billy para fora para brincar com ela, mas ele apenas sacudia a cabeça e não dizia nada, nem mesmo quando sua mãe, pela primeira vez mandou que ele parasse de assistir à televisão.

Karen já estava no quintal há quase uma hora quando Billy abriu a porta e gritou:

— KAREN, VENHA AQUI! e bateu à porta antes mesmo que ela pudesse levantar os olhos.

Karen correu para dentro de casa e encontrou a multidão de pessoas na frente da televisão, cuja tela mostrava uma cena fora de foco, alguma coisa grande e indistinta se movimentando na água que Karen não conseguia identificar.

Mamãe abraçava Billy e desta vez ele também a abraçava (ele sempre dizia que isso era “coisa de menina”) e por um minuto ninguém percebeu a presença de Karen. Aí Billy a viu e soltou-se de sua mãe.

— Papai desceu! Ele está salvo! Eles caíram na água e ninguém soube disso, porque alguma coisa não funcionou e eles não puderam avisar, mas o homem do navio já falou com eles e eles estão sendo resgatados. Papai está bem, ele está BEM!! e Billy começou a pular feito louco.

Karen sorriu e disse:

— Eu sei.

Billy parou de pular e olhou para ela:

— Você realmente sabia o tempo todo, não é? Você não estava inventando sobre os Anjos.

— Não, eu não estava inventando. Eu realmente os vi e eles eram muito bonitos.

As pessoas olharam sorrindo para Karen e sua mãe abraçou-a fortemente.

Então, todos voltaram-se novamente para a televisão e começaram a conversar umas com as outras, mas, de repente, Karen lembrou-se de alguma coisa:

— Agora nós devemos agradecer a Deus por Ele ter mandado os Anjos, disse tranquilamente. Eles trouxeram papai de volta a salvo, não trouxeram? Talvez Deus gostasse de saber que estamos felizes.

De repente, as pessoas que estavam na sala ficaram em silêncio, olharam para Karen e, em seguida, se entreolharam. Alguém diminuiu o som da televisão e um homem com voz grossa começou a fazer uma oração. As pessoas curvaram as cabeças e algumas cruzaram as mãos. A oração era cheia de palavras difíceis e Karen não pôde entendê-la muito bem.

Então, ela sorriu, fechou os olhos e fez sua própria oração, tão suavemente que só Deus pôde ouvir:

— Meu Deus, obrigada por salvar meu pai e trazê-lo para casa. E, por favor, agradeça aos Anjos por mim. Lembrarei sempre de rezar para Você, como meu Pai fez. Sei que Você também mandará os Anjos para me ajudarem se eu precisar deles. E nunca mais precisarei ficar assustada.



ORAÇÃO MATINAL DA CRIANÇA

Evelyn Van Gilder Creekmore

Eu Te agradeço, Deus, pelo Sol que brilha vivamente
E pela caminha macia e quente ao me deitar,
Pelo alimento e roupas e livros e brinquedos, diariamente,
E por todos os meninos e meninas com quem vou brincar.

Querido Jesus, durante todo este dia em que passa
Eu prometo que para Ti sorrirei.
Tua bondade o meu coração trespassa,
E, sorrindo, a minha parte eu a farei.

Querido Deus, segura minha mão na Tua, por favor
E mostra-me que todo o bem a mim virá
Se eu depositar em Ti a minha fé e o meu amor,
E, procurando o bem em tudo, ele me será.

Querido Deus, neste dia ajuda-me a achar
Novos caminhos onde eu possa ser bondosa.
E para todas as pessoas que encontrar
Que eu seja a amiga doce e caridosa.

☆☆☆☆☆☆☆☆

O SACO DE OURO MÁGICO

Adelaide L. Walker

Num lindo e distante país, morava um bondoso e amável rei. Ele tinha muitos filhos e, à medida que cada um deles ia ficando preparado para enfrentar o mundo e buscar sua fortuna, o rei dava-lhe uma sacola cheia de ouro mágico.

Essa hora chegou para o Príncipe Jolly e para a Princesa Prudence. O rei chamou os dois, deu-lhes a sacola de ouro mágico e disse:

— Meus filhos, essa sacola de ouro tem poderes mágicos; se for usada com finalidade boa, a sacola nunca ficará vazia; mas se for usada para coisas erradas ou egoístas, ela logo estará vazia e nunca mais poderá ser preenchida. E aqui está um novelo de fios de prata, que também tem poderes mágicos. Quando vocês estiverem em apuros, é só dar um apertãozinho de leve e terão ajuda imediatamente. Mas, em hipótese alguma, quebrem o fio, pois se não for quebrado, ele os conduzirá de volta para casa. E agora eu os abençoo. Na volta, tragam-me um presente.

— Oh, muito obrigado, papai! Os dois disseram.

Depois pegaram a estrada, conversando alegres e contentes sobre as coisas maravilhosas que iriam fazer e ver. No caminho, Prudence viu um passarinho que havia caído do ninho e quebrado sua asa. Pegou-o cuidadosamente e exclamou:

— Oh, irmão, veja, sua asinha está quebrada. Venha, ajude-me a curá-la.

Sem muita vontade, o príncipe ajudou a preparar uma tala para fixar a asa quebrada. Com alguns galhos e um pouco de grama, Prudence fez um novo ninho e colocou lá a pequenina ave, sem sacudi-la. De quando em quando, ela lhe dava um pouco d'água para beber.

— O que você vai fazer com o passarinho? Perguntou o Príncipe Jolly.

— Cuidar dele até que possa voar. Ele, um dia, encontrará uma companheira para formar um lar, respondeu Prudence.



Dias depois, eles encontraram uma criancinha chorando amargamente.

— Você, pobre queridinha, o que aconteceu? Perguntou a Princesa Prudence.

— Eu estou com fome, soluçou a criança.

— Onde você mora? Perguntou Prudence.

A criança apontou para uma pequena cabana perto dali abandonada numa floresta de árvores enormes.

— Irmão, disse a Princesa, vamos até a cabana. Nós poderemos ajudar as pessoas que estiverem lá; certamente estão com problemas.

— Se você for parar para ajudar todo pássaro, animal ou pessoa que encontrarmos, nunca chegaremos à parte alguma. Eu quero conhecer o mundo e me divertir! Reclamou o Príncipe Jolly.

— Só esta vez, por favor, Jolly, pediu Prudence.

— Oh, está bem, mas esta é a última vez.

Prudente pegou na mão da criança e disse docemente:

— Leve-nos até a sua casa, querida, e nós vamos ver o que podemos arranjar para você comer.

Em poucos minutos, eles chegaram à cabana, que só tinha um cômodo grande e um “puxado” para a cozinha. Havia uma mulher deitada na cama, muito pálida, com um bebê doente nos braços. Prudence chegou perto dela, com os olhos cheios de compaixão.

— O que posso fazer por você? Você está sozinha? Ela perguntou.

— Sim, respondeu a mulher. John, meu marido, foi ao médico ontem e ainda não voltou. O bebê adoeceu e eu estou doente demais para fazer alguma coisa para Jeanette. Ela está com fome, mas é muito pequena para fazer alguma coisa sozinha; ela só tem cinco anos. Deve ter sido Deus que mandou você aqui, eu rezei muito pedindo ajuda. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Agora, não fale mais nada, disse Prudence. Eu farei alguma coisa para Jeanette.

A menininha seguiu Prudente com os seus grandes olhos castanhos e sentou-se na cama perto da mãe.

Prudence encontrou pão, leite, manteiga, frutas e ovos. Ela fez uma jarra de chá para a mulher e, enquanto a água esquentava para o banho da criança, alimentou Jeanette. Enquanto a mãe estava comendo, Prudence deu banho no bebê. Jeanette assistiu a tudo isso com os olhos arregalados. Depois de entregar o bebê limpinho e cheiroso para sua mãe, Prudence foi até onde o Príncipe estava sentado, com ar carrancudo, e disse-lhe:

— Jolly, eu vou ficar aqui até que essa mulher fique forte o suficiente para poder trabalhar. Você vai para a cidade e tente encontrar o Senhor White e um médico. A mulher está muito doente.

— Eu não vou voltar, pretendo ver o mundo e me divertir, disse Jolly, saindo sem dizer mais uma única palavra.

Prudence olhou tristemente para ele e depois entrou na cabana.

— Jeanette, você quer alimentar o passarinho enquanto eu limpo a casa? Ela perguntou.

— Meus Deus! O que aconteceu com ele? Perguntou Jeanette ao ver a asa enfaixada.

Prudence contou-lhe o que havia acontecido e mostrou-lhe como dar ao pássaro uma gota de água de cada vez, e uma migalha de pão ou uma semente. Quando a casa já estava toda em ordem e a cama da Senhora White arrumada, Prudence sentou-se e elas começaram a conversar.

Levou dois dias para o Senhor White voltar, trazendo o médico e muita comida. Prudence sabia que isso era obra de seu irmão, mas o Príncipe Jolly não voltou e ela só o tornaria a ver novamente muitos anos mais tarde.

Prudence ficou na cabana por três semanas e depois seguiu seu caminho, sempre ajudando os outros, fazendo tudo o que podia para alegrar e confortar as pessoas tristes e alimentar os que tinham fome, e ficava emocionada vendo sua sacola sempre cheia, por muito que gastasse. Ela falava sempre de sua casa e de quando voltaria para lá.

Muitos anos se passaram. Prudence já estava cansada e queria voltar para junto de seu Pai. Como estava contente ao ver seu novelo de prata brilhando intacto, o saco mágico ainda cheio de ouro e o presente que levava para seu Pai. No começo, ela não estava muito satisfeita com o seu presente. Queria ter sido uma grande musicista ou pintora ou escritora de lindos poemas e histórias que alegrariam os corações dos homens, mas seu presente era só uma vida de serviços amorosos. Parecia muito pouco comparado com o dos outros, mas ela sentia que seu Pai ficaria satisfeito.

A Princesa Prudente percorreu seu caminho, sem pressa, quando um dia viu um velhinho andando de bengala, curvado e quase aleijado por causa do

reumatismo. Ele parecia tão triste e abandonado que ela correu para ele para consolá-lo e, para sua surpresa, reconheceu nele seu irmão, o Príncipe Jolly.

— Oh, meu irmão, como eu estou contente em vê-lo! Ela exclamou.

— Prudence! É você? Como está jovem e bonita! E a sua sacola ainda está cheia! Exclamou Jolly.

— Sim, duas vezes os ladrões tentaram roubá-la de mim, mas eu dei um puxãozinho no fio de prata e papai mandou-me ajuda imediatamente, contou-lhe a Princesa.

O Príncipe Jolly suspirou tristemente:

— Minha sacola está vazia há muito tempo. Na minha ânsia de me divertir, eu esqueci tudo o que papai nos disse.

— Você aproveitou a vida, Jolly? Perguntou docemente a Princesa, olhando com pena para aquele homem arruinado na sua frente.

— Durante um certo tempo eu aproveitei, mas o ouro acabou tão rápido, que logo eu fiquei sem nada. Procurei trabalhar, mas não tinha saúde e os outros tinham que tomar conta de mim. Lágrimas de autopiedade caíam dos olhos do Príncipe enquanto ele falava.

— Por que você não me avisou, Jolly? Perguntou sua irmã. Eu o teria ajudado com prazer.

Jolly enrubesceu ao responder:

— Eu ouvi dizer muita coisa sobre suas boas ações e fiquei com vergonha.

— Oh, sinto muito. Mas, irmão, estou vendo que seu fio de prata está estragado e aqui há um lugar em que o fio está quase partido. Que aconteceu? Perguntou a Princesa.

O Príncipe Jolly baixou os olhos, envergonhado, sem conseguir encarar a irmã.

— Meu irmão, disse Prudence gentilmente, você não fez isso de propósito?

O Príncipe balançou a cabeça e murmurou:

— Eu estava doente, não tinha para onde ir, não tinha dinheiro nem amigos. Já o tinha quase cortado quando me lembrei da recomendação de papai: “Em hipótese alguma corte o fio; puxe-o devagar e eu atenderei seu pedido”. Então, eu dei um puxãozinho e alguém me achou e me levou para o hospital. Depois de algum tempo, consegui emprego por uma ninharia, mas tentei realmente ajudar os outros e uma vez até impedi que alguém cortasse o fio.

— Estou tão contente. Sei que papai vai perdoá-lo e dar-lhe uma nova oportunidade, disse a Princesa animando-o.

— Mas, irmã, eu não estou levando nenhum presente para ele, suspirou Jolly.

— Oh, sim, você o tem em suas mãos. A vida que você salvou da destruição, a comida e o médico que você mandou para a Senhora White e seu marido. Se não fosse você, querido, ela teria morrido. Lembra-se? Perguntou Prudence.

— Você acha que papai aceitará esse presente? Perguntou o Príncipe ansiosamente, com um novo brilho nos olhos.

— Tenho certeza que sim, respondeu a Princesa.

“Nossos presentes podem parecer pequenos aos nossos próprios olhos, mas não sabemos como eles parecerão aos olhos dele”.

Enquanto os dois viajavam, Prudence ajustou seus passos aos de seu irmão, bem mais lentos e finalmente eles chegaram à casa do Rei, o Pai, que os veio receber.

Para o Príncipe Jolly ele disse, tristemente:

— Filho, você não foi muito bem desta vez, mas depois de um longo descanso e uma completa purificação de sua alma, você irá novamente e sei que se sairá melhor. Seu presente lhe rendeu esta oportunidade.

Gentilmente, o pai colocou sua mão sobre os olhos cansados do Príncipe e o fez dormir.

Para Prudence ele disse:

— Filha, você realmente se saiu muito bem e é merecedora de uma tarefa maior. Entre para as alegrias do reino. Seu presente é muito valioso para mim.



A BOLINHA MARRON

Florence Barr

Uma noite, no Jardim dos Encantos, onde os espíritos das flores brilhavam como faíscas de luz, a Mãe Natureza chamou seus filhos lírios e lhes disse:

— De todas as minhas filhas flores, vocês parecem ser as mais bonitas. Suas cores são tão radiosas e sua fragrância tão doce, que é difícil escolher a mais formosa. Isso fez com que os lírios ficassem felizes, inclinando-se com respeito.

Mas o lírio vermelho, um dos mais radiosos, era um pouco petulante e comentou audaciosamente:

— Eu sou muito admirado e tido como o favorito pelas crianças da Terra. Se você tiver alguma mensagem para elas, eu a levarei.

A Mãe Natureza sorrindo, disse:

— Sim, eu tenho uma mensagem e você pode levá-la se estiver disposto a perder sua beleza e ser envolto em uma áspera bola marrom para ser atirada e, por fim, colocada profundamente na terra, bem escondida dos olhares admiradores das crianças.

O lírio ficou um pouco mais vermelho e disse:

— Oh! Não, eu não poderia perder a minha beleza nem por um instante. As crianças da Terra me adoram e elogiam e eu gosto disso.

A Mãe Natureza respondeu docemente:

— Então, Lírio Vermelho, você não pode levar a mensagem.

Em grande calma, as luzes das flores flutuavam entre as sombras no Jardim dos Encantados. Dali a pouco um delicado lírio azul sussurrou:

— Mãe Natureza, talvez eu possa levar a mensagem.

— Você está disposto a deixar de lado suas delicadas vestes e usar um feio envoltório marrom e dormir nas profundezas da terra, para que as crianças da Terra possam aprender, por meio de seu sacrifício, as lições da vida eterna?

— Mas meu vestido é como o azul do céu e as crianças da Terra gostam dele. Não, eu não posso trocar o meu delicado vestido azul por um feio envoltório marrom. E o lírio azul abaixou a cabeça.

O coração da Mãe Natureza sofreu um pouco, porque ela não gostava de ver os seus filhos lírios tão egoístas. Estivera sempre tão satisfeita com eles, entretanto, nenhum estava disposto a fazer um pequeno sacrifício. Mas, mesmo assim, deu-lhes uma outra oportunidade.

— Venham cá, crianças, mais perto de mim, eu vou contar qual é a mensagem. Algumas das crianças da Terra estão com muito medo, medo da morte. Assim, elas devem aprender que todas as coisas adormecem por algum tempo e depois tomam novos corpos. Mais uma vez eu pergunto: qual de vocês irá mostrar que, através do sono, elas poderão entrar numa vida muito mais bela?

Tudo estava calmo e quieto quando uma voz suave murmurou:

— As crianças da Terra dizem que eu sou frágil e branco, Mãe Natureza. Talvez eu não tenha beleza para perder e não me importaria de ficar preso numa bola apertada.

— Querido Lírio, disse a Mãe Natureza, você é uma criança corajosa: vai perder sua beleza por algum tempo, porém esse serviço de amor vai torná-lo ainda mais belo.

Então, a centelha de vida do lírio foi colocada cuidadosamente numa pequena bola marrom. A Mãe Natureza vigiou carinhosamente este momento, esperando até que as crianças da Terra estivessem prontas para receber a mensagem.

Dick e Rosalie estavam jogando bola. De repente, Rosalie deixou-a escapar e ela saiu correndo atrás da bola que rolou pela aleia do jardim. Pegando o que pensou que fosse a bola, jogou-a de volta para Dick.

Você deveria tê-lo ouvido rir, quando ele perguntou a ela:

— Que é isto? Eu joguei para você uma bola de borracha macia e esta bolinha marrom é dura como pedra.

— Deixe-me vê-la, disse Rosalie, e Dick arremessou a bola para ela.

Então, Rosalie riu também e disse:

— Não é uma bola, é um bulbo. Espere, eu vou colocá-lo no chão e procurar a nossa bola.

Ela colocou o pequeno bulbo marrom na terra, encontrou a bola de borracha e eles continuaram a jogar.

A bolinha marrom sentiu-se só na escuridão, embaixo da terra, impedida de ver a luz do Sol. De repente, ouviu-se um zumbido e um voz que disse:

— Olhe! Aqui está um recém-chegado. Vamos ajudá-lo, pois ele não pode ficar aí enterrado desse jeito.

Então, o lírio do jardim perguntou.

— Quem são vocês?

— Somos os pequenos Espíritos da Natureza e trabalhamos com as flores. Você é um bulbo de lírio, não é? Você precisa esticar seus braços e suas pernas e nós o ajudaremos.

— Mas eu não tenho braços, nem pernas, disse a bolinha marrom.

— É, ainda não, mas você terá logo, se fizer o que nós mandarmos.

Um estranho sentimento tomou conta do bulbo.

— Ora, que será isto? Perguntou-se o lírio.

— Venha, chamou o Espírito da Natureza, não precisa ter medo de nós.

Aquele tremor era *medo*? Ele não tinha vindo ensinar às crianças da Terra a não ter medo? Sim, ele iria fazer o que os Espíritos da Natureza mandassem.

— Venha agora, e eu o ajudarei a sair de si próprio, chamou o duende.

Snap! Alguma coisa rachou.

— Dê-me sua mão e estique-a. Muito bem!

— Oh, exclamou o lírio, eu nunca soube que tivesse mão.

— Bem, se você deixar que nós o ajudemos, logo estará pronto para dar a mensagem, disse o duende.

— Você sabe sobre a mensagem? Perguntou o lírio.

— Claro, disse o duende, todos os filhos da Mãe Natureza sabem o segredo.

Uma voz vinda de algum lugar ordenou:

— Estique seu pé para baixo, assim. Não ligue para o escuro. Isto, muito bem!
Agora tente de novo.

Snap, crack!

— Oh, exclamou o lírio, eu tenho tantos pés!

Então, os Espíritos da Natureza ajudaram o lírio a se esticar até que todos os pezinhos estivessem firmemente cravados na terra e as mãozinhas estendidas para cima, rumo aos raios de Sol. Todos os dias, os suaves pingos de chuva, os raios dançantes do Sol e os Espíritos da Natureza ajudavam o lírio a sair de si mesmo, até que, finalmente, longos talos verdes cresceram na direção do Sol. E, um dia, o lírio abriu seu coração de ouro — um bonito lírio branco.

Passos leves foram ouvidos pelos caminhos do jardim. O lírio prestou atenção. Depois ouviu alguém exclamar alegremente:

— Oh, que lindo lírio branco! Exclamou Rosalie. Que flor mais formosa! Sua alma deve ser muito bonita para ter esse perfume tão doce!

Depois, ela exclamou:

— Ora, duende, que você está fazendo aqui?

— Estou ajudando este lírio a dar a mensagem da Mãe Natureza para vocês, crianças da Terra, respondeu o duende. Este lindo lírio é a bolinha marrom que você, brincando, jogou para Dick. Ele sacrificou sua beleza, por algum tempo, para fazer uma nobre ação.

A Mãe Natureza frequentemente dá lições de vida por meio de suas flores. As flores e os Espíritos da Natureza lembram o que as crianças da Terra, às vezes, esquecem: que a cada ano o grande Espírito da Terra deixa seu Reino de

Felicidade e dá Sua vida para que toda a Natureza tenha vida. Então, durante a bonita estação da primavera, quando Seu trabalho está terminado, Ele volta para o Reino da Felicidade. As brisas da primavera, o trigo balançando ao vento, o canto dos pássaros, as flores alegres e as crianças felizes, todos se juntam numa canção de louvor ao Senhor da Vida, cujo Amor permanece com eles, dando esperança, alegria e felicidade a todas as crianças da Terra.



O PINTOR DAS FOLHAS

Dagmar Frahme

Jeferson esfregou os olhos e olhou de novo. Havia alguém sentado no galho mais baixo da árvore pintando uma folha. Ele a estava pintando cuidadosamente de vermelho vivo, e não estava derramando nem um pouco de tinta. (Certamente fazia melhor do que Jeferson podia fazê-lo. Quando ele pintava na escola, o chão ficava sempre imundo e a professora não ficava muito feliz).

— Oi, disse Jeferson. Por que você está fazendo isto?

A pessoa que estava na árvore olhou para baixo e deu um sorriso tão grande que suas bochechas muito rosadas se estufaram, parecendo duas maçãs vermelhas. Ele enxugou o seu pincel, colocou-o sobre o balde de tinta que estava cuidadosamente pendurado no galho e pulou.

— Olá, Jeferson, disse ele. Eu estava querendo saber quando você viria me visitar.

— Como você sabe meu nome?, perguntou Jeferson. E quem é você?

— Meu nome é Bimbo e nós conhecemos todas as crianças da vila.

— Oh! exclamou Jeferson surpreso. Tão surpreso que esqueceu as boas maneiras e encarou fixamente Bimbo, mas este não parecia estar se importando com isto.

Bimbo era pouco maior que Jeferson. Ele vestia macacão marrom, sapatos vermelhos com bicos virados para cima, e um longo chapéu verde com um sininho na ponta.

— Onde você mora?, perguntou Jeferson repentinamente. E como você conhece todas as crianças? E quem é “nós”?

— Ha, ha, riu Bimbo. Uma pergunta de cada vez, por favor. Nós somos: eu, meus irmãos, irmãs, tios, tias, primos e primas. Moramos aqui na floresta e conhecemos todas às crianças porque observamos vocês todos crescendo, desde que nasceram.

— Oh, exclamou Jeferson de novo, ainda encarando Bimbo. Mas por que você está pintando a folha?

Bimbo sorriu, sentou-se numa grande tora marrom e disse:

— Em que época do ano estamos, Jeferson?

— Bem, disse Jeferson pensativo e sentou-se também. É a época em que as maçãs ficam maduras, as nozes caem, fazemos máscaras com abóboras e — e — é outono. É isso!

— Certo, concordou Bimbo. E o que mais acontece no outono?

— Nós temos que ir para a escola, disse Jeferson de cara feia.

— E isso é muito bom, disse Bimbo. Mas você não consegue se lembrar de outra coisa que acontece no outono?

— Bem, disse Jeferson, puxando a orelha direita.

De repente, seus olhos ficaram grandes e redondos como um pires e ele olhou ainda mais fixamente para Bimbo.

— Oh, ele disse e oh, de novo. As folhas mudam de cor!

— “Ub-huh,” murmurou Bimbo, pegando um galhinho e desenhando no chão com ele.

— Você quer dizer — você quer dizer que você as pinta? perguntou Jeferson que estava agora mais surpreso do que antes.

— Certamente, disse Bimbo, continuando seu desenho. Sou eu, meus irmãos, irmãs, tios, tias, primos e primas.

— Mas eu pensei que elas tivessem mudado de cor sozinhas, disse Jeferson. Não sabia que alguém as pintava.

— Hum, bufou Bimbo, parando de desenhar. Seu rosto normalmente alegre, parecia um pouco aborrecido. Coisas como esta não acontecem sozinhas. Alguém tem que as fazer acontecer.

— Oh! Disse Jeferson pela quinta vez e sentou-se imóvel, olhando para a floresta.

Ele percebeu que as folhas de muitas árvores tinham mudado de cor e que realmente ali tinham muitas, muitas árvores.

— Você tem muitos irmãos, tios, tias, primos e primas? perguntou depois de algum tempo.

— Oh, sim disse Bimbo, que havia recomeçado seu desenho. Muitos e muitos e muitos deles. Em qualquer lugar onde houver um jardim, mesmo com uma árvore apenas, um de nós tem que estar lá para cuidar dele.

Bimbo fez algumas linhas a mais no seu desenho, jogou de lado o galhinho e levantou-se, dizendo:

— Agora você vai ter que me dar licença, Jeferson, tenho muita coisa para fazer e se nós não cumprirmos o horário, as folhas estarão ainda verdes quando a neve começar a cair e aí vai dar confusão.

— Eu posso ver você trabalhar? perguntou Jeferson.

— Claro, respondeu Bimbo sorrindo. E também converse comigo. Gosto de companhia quando estou pintando.

Então, Bimbo levantou os braços e, com um pulo extraordinário, agarrou o galho mais baixo da árvore, alçou-se e sentou no galho. Mergulhou seu pincel na tinta e começou a trabalhar.

— Muito bom, disse Jeferson, que também era um saltador exímio. Levantou os braços, dobrou os joelhos e saltou o mais alto que pôde. Mas não foi o suficiente. Jeferson tentou de novo, várias vezes, mas não conseguiu alcançar o galho.

Ele olhou desapontado para Bimbo que sorriu e disse:

— Treine, Jeferson, treine. Tudo requer prática.

— Até pintar sem espirrar tinta? perguntou Jeferson.

— Lógico, até pintar sem espirrar tinta! Respondeu Bimbo, que tinha começado a trabalhar na folha seguinte. Você gosta de pintar, não é, Jeferson? perguntou.

— Oh, sim, gosto. Mas a professora não quer que eu pinte porque faço muita sujeira, respondeu Jeferson.

Sentou-se de novo na tora e ficou pensando por algum tempo. Subitamente, teve uma ideia e exclamou:

— Já sei o que vou fazer. Vou fingir que sou Bimbo pintando as folhas, vou pintar com bastante cuidado e assim, talvez, eu não suje nada.

— Boa ideia, Jeferson, disse Bimbo. Acho que se você tentar vai conseguir.

Por algum tempo, Jeferson ficou sentado na tora e contou a Bimbo sobre a escola, sobre sua irmãzinha e sobre seu cachorro Mike. Bimbo não falou quase nada porque estava muito ocupado, mas Jeferson sabia que ele estava ouvindo.

De repente, o sino da vila tocou seis vezes.

— Oh, oh, disse Jeferson, levantando-se rapidamente. Eu não posso me atrasar para o jantar. Foi um prazer conhecê-lo, Bimbo, disse educadamente. E eu não esquecerei como as folhas mudam de cor!

— Olhe, Jeferson, pegue isto.

Bimbo arrancou a folha vermelha que ele havia acabado de pintar e deixou-a cair flutuando até Jeferson.

— Obrigado, Bimbo, disse Jeferson, apanhando a folha. Vou guardá-la dentro de meu livro novo e talvez a mostre para a professora amanhã. É realmente bonita.

Jeferson olhou para à folha por um minuto, depois acenou para Bimbo.

— Tchau, ele gritou e correu para a vila.

Bimbo sorriu.

— Adeus, Jeferson, disse. Depois levantou-se e cuidadosamente pendurou sua lata de tinta no galho mais próximo, alçou-se e começou de novo a trabalhar arduamente.



CHUVA

Robert Loveman

Não está chovendo chuva para mim,
Estão chovendo narcisos, sim;
Eu vejo em suas gotas finas,
Flores silvestres nas colinas.

Nuvens cinzentas vão o dia sombreando,
E a cidade vão aos poucos inundando;
Não está chovendo chuva para mim,
Mas rosas estão chovendo sem fim.

Não está chovendo chuva para mim,
Mas bênçãos de cravos a desabrochar,
Onde qualquer abelha fatigada
Uma cama e um quarto possa encontrar.

Um brinde à saúde para o feliz!
Um figo para aquele que se irrita facilmente!
Não está chovendo chuva para mim,
Estão chovendo violetas fartamente.



TULIA DE POMPEIA*Rona Elizabeth Workman*

— Tio Jack, conte-me uma história, pediu Maria Elizabeth.

Tio Jack havia acabado de chegar de uma cidade distante para visitar os pais de Maria Elizabeth. Ele tinha viajado por todo o mundo e conheceu coisas maravilhosas sobre lugares longínquos e exóticos. Maria Elizabeth tinha certeza de que ele poderia contar muitas histórias interessantes para ela.

— Mamãe diz que você conta histórias sobre meninos e meninas que viveram há centenas de anos; é verdade? Perguntou à menina.

— Possivelmente, disse Tio Jack. Talvez eu possa contar-lhe alguma coisa desse tipo.

— Como você faz isso? Perguntou Maria Elizabeth. Como você pode saber sobre meninos e meninas que viveram há tanto tempo atrás?

— Você já ouviu falar da Memória da Natureza? Perguntou Tio Jack. Pois ela existe e é dela que eu tiro o material para algumas de minhas histórias; isto é, eu leio na Memória da Natureza.

— É maravilhoso! Exclamou Maria Elizabeth. Como você faz isso?

— Bem, de certo modo é como olhar para cenas que se movem. É uma espécie de segunda visão que eu possuo. Me concentro de tal maneira que vejo cenas na Memória da Natureza, como um filme passando na frente dos meus olhos.

— Parece muito interessante, disse Maria Elizabeth. Você podia me contar uma história sobre alguns dos meninos e meninas que viveram a centenas de anos?

- Certamente, foi a resposta, aqui vai.

A longa rua de Pompeia, sulcada por charretes, que eram carros de duas rodas usados antigamente na guerra e nas corridas, estava cheia de vida. As vozes dos vendedores ambulantes e das flores eram claramente ouvidas. E, bem perto, podia-se ouvir também os sacerdotes no templo celebrando, em cânticos e em música, sua devoção a algum antigo deus ou deusa. De longe, ouviam-se vozes excitadas e o som metálico das rodas das charretes no pavimento de pedras.

As paredes brancas das casas brilhavam à luz do Sol, embora existisse um estranho tom avermelhado sobre tudo, mas isto era talvez causado pela nuvem escura que se espalhava vinda do topo da montanha e que se erguia bem acima da cidade. Essa montanha era o Vesúvio e o seu pico estava coberto de neve.

Era uma cidade quente, rica e resplandecente. Belas casas com suas portas abertas para a rua, grandes templos com suas altas e claras colunas à luz do Sol e, à distância, podia-se perceber o azul do mar.

Multidões de pessoas e charretes estavam passando pelas ruas, correndo para algum jogo no anfiteatro distante. Um escravo saiu para a rua pela larga porta de um palácio. Protegendo os olhos com a mão, ele olhou para a nuvem escura que pairava sobre a montanha. Finalmente, com um meneio ansioso, entrou pelo portão novamente.

Era um amplo e fresco átrio, em comparação com o calor da rua. Havia vasos de flores colocados em nichos nas paredes e, ao fundo, viam-se flores e árvores no peristilo¹, uma espécie de pátio interno. O velho escravo fechou a porta da rua, pisando com cuidado sobre um mosaico que mostrava a figura de

¹ N.R.: Pátio rodeado por colunas

um cachorro latindo, mosaico feito com pedras de cores vivas. Sob a figura do cachorro lia-se palavras de advertência: “Cave Canem”, que queria dizer “Cuidado com o cachorro”. Então, andando lenta e pensativamente, com a cabeça baixa mergulhado em pensamentos profundos, ele entrou no peristilo, uma parte do qual era ocupada por um pequeno jardim encantador, cheio de flores.

Árvores verdes lançavam sua sombra refrescante sobre bancos de mármore branco, a passagem estava coberta por tapetes de cores luminosas, estátuas brancas e brilhantes espiavam de seus recantos cheios de flores e de samambaias, e o esguicho fresco da água da fonte sustentada por um fauno branco, alimentava o chafariz onde nadavam peixes dourados. Perto do chafariz e sob a sombra de uma pequena figueira havia um divã e nele, entre montanhas de almofadas macias, recostava-se uma menina frágil e esbelta brincando com um macaquinho branco.

Vagarosamente, o escravo aproximou-se e sentou-se no chão de mármore.

— Por que você está tão intranquilo hoje, Nelo? Perguntou a doce voz infantil, enquanto a menina estendia a mão delgada tocando a face escura do escravo. Você queria ir aos jogos com os outros escravos?

— Não, não é isso, pequena Túlia. Você sabe que eu não gosto de ver homens e feras lutando. Além disso, seu pai pediu-me para tomar conta de você até que ele voltasse.

A menina riu.

— Então não fique tão ansioso. Você está quase tão intranquilo quanto meu pequenino Nito. Você acha que é este calor sufocante que o faz ficar assim?

Nelo olhou para o macaquinho que estava andando de um lado para outro, mexendo os olhinhos pretos, como se fosse incapaz de decidir qual o lugar melhor ou mais seguro.

— Ele está com medo de alguma coisa, pequena Túlia. Os deuses deram aos animais um senso de perigo mais aguçado do que o nosso.

O rosto da criança tornou-se sério. Ela ergueu-se um pouco nas almofadas e disse:

— Talvez seja por isso que as feras, nas covas do circo, estão rugindo tão alto. Você acha que elas também estão com medo de algo?

O velho Nelo, olhando rapidamente para a criança, sorriu e respondeu:

— Olhe, pequena Túlia, não fique com medo. Sem dúvida alguma, é por causa do calor que elas estão tão intranquilas e também por causa do terremoto que algumas noites atrás assustou-as.

Túlia sorriu e bateu levemente na mão do escravo:

— Claro que eu não sinto medo com você e Adriano tomando conta de mim. Mas gostaria que este calor e essa claridade terríveis cessassem.

O velho escravo levantou os olhos para um jovem alto que havia se aproximado e estava ali parado, ouvindo a conversa. Com uma troca de olhares, eles se afastaram para um canto do pátio.

— O que você acha, meu pai? Perguntou o mais jovem, em voz baixa. Você acha que é melhor deixar à cidade rapidamente levando a criança?

Passando a mão trêmula sobre os olhos, o velho respondeu:

— Eu gostaria que os deuses me dissessem o que fazer. O patrão ordenou que ficássemos aqui até que ele voltasse de Roma, mas ele não podia imaginar O perigo que nos ameaça. Muitas vezes vi montanhas esconderem seus topos em nuvens avermelhadas e não posso deixar de ter medo. Não gosto desta coisa no ar e do rugido dos leões — Oseias disse-me que desde ontem eles vêm recusando todo alimento, procurando fugir de qualquer jeito da sua cova.

Ele pensou mais um pouco e ordenou:

— Vá, meu filho. Junte alimentos e roupas, enquanto eu preparo a pequena Túlia para a viagem. Você tem certeza de que o barco está pronto?

— Aprontei tudo esta manhã como o senhor ordenou, respondeu Adriano, saindo apressadamente.

Nelo voltou para perto da menina, substituindo seu olhar preocupado por um sorriso calmo para evitar que ela ficasse assustada.

— Você gostaria de dar um passeio de barco esta tarde? Talvez esteja mais fresco no mar.

Túlia sorriu e bateu palmas alegremente:

— Claro que gostaria, Nelo. E talvez possamos encontrar papai e mamãe. Você sabe, está quase na hora deles voltarem.

Com movimentos rápidos e delicados, Nelo levantou nos braços o corpinho frágil, envolvendo-o num chulé de seda.

— Algum dia, Nelo, eu andarei como às outras crianças; você não acha? Perguntou Túlia, levantando a cabeça para observar o rosto do escravo.

Ele sorriu, enquanto ajeitou o xale nos pezinhos rosados da menina e disse:

— Com certeza você vai poder andar e correr como qualquer criança da rua se realmente quiser; não foi isso que os grandes médicos disseram a seu pai? E seus pais não oferecem diariamente orações e presentes nos templos, para que os deuses a curem?

Sentindo-se mais confortada, Túlia sorriu alegremente e aconchegou-se nos braços do escravo.

— O senhor está pronto, pai? Perguntou Adriano, parado na porta. Carregando Túlia cuidadosamente, Nelo saiu, seguindo o filho.

Na rua assustaram-se com a rápida mudança: a luminosidade era agora de um vermelho intenso e a nuvem escura tinha-se espalhado num formato de cogumelo sobre toda a cidade.

Nelo olhou para cima e cochichou para o filho:

— Vamos andar mais depressa, pois temo que já seja tarde demais.

De repente, Túlia gritou e agarrou o braço do escravo:

— Nelo, você esqueceu Nito! Eu não posso deixar meu macaquinho aqui. Por favor, Adriano, vá busca-lo.

Por um momento, Adriano hesitou, mas, deixando os alimentos e as roupas no chão, correu apressadamente para a casa. Pareceu a Nelo e a Túlia que ele e demorou muito tempo para voltar. A nuvem tinha-se tornado mais escura e mais pesada e relâmpagos enchiam-na de fogo, fazendo com que a pequena Túlia escondesse o rosto nos ombros de Nelo. Adriano voltou correndo, segurando o macaquinho e explicou:

— Ele estava assustado demais para reconhecer a minha voz e tinha se escondido, murmurou Adriano para o pai, ao mesmo tempo que pegava as coisas do chão.

Desceram a rua rapidamente.



A nuvem tornava-se cada vez mais negra e ruídos abafados e contínuos, como trovões, vinham do chão, sob seus pés, enquanto uma leve chuva de cinzas caía, cobrindo suas cabeças e suas vestes.

A rua que levava ao mar estava quase vazia, mas das outras ruas, das lojas e dos templos apinhados de gente, vinham gritos de pavor, à medida que as pessoas percebiam que corriam perigo.

Enquanto olhavam assustados para a nuvem escura, os dois escravos apressaram-se, levando sua carga preciosa em direção ao mar. Finalmente chegaram à praia. Nelo colocou Túlia cuidadosamente no barco, sobre uma pilha de cobertores. Ela abraçava seu minúsculo Nito, enquanto Nelo ajudava Adriano a empurrar a pequena embarcação mar adentro. Foi um trabalho rápido e logo eles se afastaram da cidade condenada.

A escuridão em breve apagou a cena e, apenas de vez em quando, os relâmpagos mostravam muitos outros barquinhos levando aqueles que tiveram a sorte de alcançar a praia.

Depois do que pareceu um longo tempo, começou a clarear de novo e o pequeno barco dirigiu-se para uma caverna pelas ondas, num alto penhasco. Adriano puxou o barco até a praia e, pegando a menina nos braços, levou-a até o refúgio e colocou-a com cuidado no chão.

— Olhe, pai, ela está dormindo. Coitadinha, está cansada. De fato, foi uma noite terrível para alguém tão frágil como ela. Aqui estará segura.

— Amanhã, nós a levaremos para a casa dos parentes, de onde poderemos mandar uma mensagem para nosso patrão. Ele ficará contente em saber que a filha está em segurança, pois ela é o tesouro de seu coração.

Nelo colocou gentilmente outro xale sobre a pequena Túlia adormecida e o macaquinho aconchegou-se mais nos braços da menina, pois ele também estava muito cansado.

— Oh, que bom que eles escaparam! Suspirou Maria Elizabeth. Que bom você ser capaz de ler histórias tão maravilhosas assim na Memória da Natureza. Será que à Pequena Túlia cresceu saudável e forte?

Tio Jack beijou o rosto da sobrinha e sorrindo concluiu:

— Eu tenho a certeza que sim, querida, porque eu segui a história até o fim de sua vida.

Maria Elizabeth exclamou alegremente:

— Estou tão contente! Isto torna a história ainda mais maravilha.

☆☆☆☆☆☆

JONATHAN E O ANJO

Dagmar Frahme

Jonathan não era exatamente medroso, mas, por outro lado, não era muito corajoso. Estava profundamente adormecido quando, de repente, pareceu-lhe ouvir uma música. Sentou-se a tempo de ver seu irmão e os outros pastores descendo a montanha apressadamente em direção à pequena cidade de Belém. Por que estavam indo a Belém a essa hora da noite? — E, se ele tinha que ficar sozinho para vigiar as ovelhas, eles não deveriam tê-lo avisado?

Então, Jonathan percebeu que havia muitas luzes no céu e que a música, que ele pensava ter ouvido em sonho, ainda continuava. Uma música como ele jamais havia ouvido — parecia ser acompanhada de centenas de vozes e era ao mesmo tempo tão doce e suave, que teve vontade de chorar. Mas que tolice! Ele tinha sete anos e certamente não chorava mais.

Entretanto, alguma coisa estava acontecendo que ele não podia entender. Sabia que era noite, mas o que eram todas aquelas luzes vibrando em todos os lugares, principalmente bem em cima de Belém? E de onde vinha aquela música?

As ovelhas não estavam agitadas, mas elas também estavam acordadas. Elas estavam deitadas, de olhos abertos e pareciam escutar a música. Elas, entretanto, não ficariam em silêncio por muito tempo, não com todas aquelas coisas estranhas acontecendo. E quando começassem a perambular, o que ele faria? Por que, oh, por que ele tinha importunado tanto seu irmão para que o trouxesse para as montanhas com os outros pastores? Ele era muito novo para ser pastor. Seus pais haviam dito isso e eles tinham razão. Agora, seu irmão e os outros tinham ido embora para, provavelmente, dar-lhe uma lição.

De repente, Jonathan sentiu seu coração quase parar de bater. Bem na sua frente, surgindo do nada, estava...estava um Anjo! Ele nunca tinha visto um

Anjo antes, mas sabia que aquilo era um Anjo. Era alto, vestido todo de branco, com uma linda luz cor de pêssego reluzindo ao seu redor. Seu rosto era sério, mas tão bondoso que imediatamente Jonathan teve vontade de contar-lhe seus problemas.



Então, o Anjo sorriu e pronunciou umas palavras com voz tão profunda e suave, que parecia estar cantando e não falando:

— Seu irmão e seus amigos foram a Belém para ver algo muito bonito. Você gostaria de ir também, Jonathan?

— Sim - sussurrou Jonathan - mas e as ovelhas — ele começou a falar.

— As ovelhas estarão seguras. Venha, meu filho.

E o Anjo desceu o atalho que levava até a vila. Jonathan correu atrás dele e o alcançou, e ficou olhando para Seu rosto. O Anjo não disse nada, mas sorriu para o menino carinhosamente, com tanta beleza e amor, que Jonathan sentiu como se quase pudesse voar, de tão feliz que estava.

Juntos, eles desceram a montanha e atravessaram as estreitas e curvas ruas da vila, passando pelas lojas dos tecelões, pelos lugares onde se vendiam ervas cheirosas, pelo lugar onde se guardavam os camelos, pela loja do homem que fazia tendas e pela árvore sob a qual o velho Malaxai, o escriba, sentava-se todos os dias lendo e escrevendo cartas para as pessoas da vila.

Finalmente, eles chegaram ao outro lado da vila e a luz que tremulava pareceu-lhes ainda mais brilhante. Ali existia uma gruta onde os estrangeiros que ficavam na hospedaria guardavam seus animais. A gruta estava iluminada como se o Sol estivesse brilhando dentro dela. Parecia haver algumas pessoas, mas estava muito silenciosa. Nada podia ser ouvido, exceto a música que não cessava.

Jonathan viu seu irmão e os outros pastores ajoelhados e silenciosos. Viu também pessoas desconhecidas ajoelhadas. E viu que havia algumas vacas, ovelhas e um enorme cachorro que pertencia ao dono da hospedaria. Os animais estavam deitados e eles também estavam muito quietos.

Então, Jonathan viu um homem em pé no meio da gruta. Ele era alto e distinto, tinha cabelos pretos e barba longa. Não era um homem grande, mas parecia muito forte. Tinha na mão um bastão, que geralmente as pessoas que costumavam andar muito, usavam, mas não parecia apoiar-se no bastão.

Perto dele estava sentada a senhora mais bonita que Jonathan já havia visto. Seu rosto era jovem e radiante, seus olhos brilhantes e ternos e a luz brilhava fortemente à sua volta.

Na frente deles, no chão, havia uma manjedoura onde usualmente a comida do gado era posta. Nessa manjedoura, num berço de palha, estava deitada uma

criança. E, de repente, Jonathan percebeu que era por causa dessa criança que as luzes estavam brilhando, que a música estava tocando e o Anjo o havia levado lá.

O bebê estava acordado, deitado quietinho, com seus olhos abertos, sorrindo para sua mãe — pois aquela linda senhora certamente era sua mãe — estendendo sua mãozinha para ela que lhe deu o dedo para segurar.

Sem saber exatamente por quê, Jonathan ajoelhou-se no chão na frente da manjedoura. O Anjo veio, parou a seu lado e disse baixinho numa voz terna:

— Este é o Menino Jesus. Maria e José são seus pais. Um dia, quando o pequeno Jesus crescer e for adulto, o grande Espírito Cristo vindo do Sol descera, entrará nele e ele se tornará o Salvador do Mundo.

O Anjo afastou-se, mas Jonathan continuou ajoelhado. Não estava certo de ter entendido exatamente o que o Anjo quis dizer. Mas entendeu que Deus havia enviado aquela criança como um presente para ele, para seu irmão, para as pessoas da vila — enfim, para todas as pessoas do mundo. E que, por causa daquela criança, o mundo seria um lugar melhor e mais feliz para todos morarem nele.

Então, o bebê virou a cabecinha olhou para Jonathan e sorriu. Jonathan também sorriu, estendeu a mão e tocou de leve a madeira da manjedoura. Em seguida, um pouco assustado com o que tinha feito, tirou rapidamente a mão e ficou em pé, olhando para a mãe da criança.

— Estou contente por você ter vindo - ela disse com amor, exatamente com a mesma expressão de ternura que sua mãe o olhava sempre.

— E eu estou contente por ser um pastor essa noite e ter visto o bebê - disse Jonathan.

Ele se virou e foi saindo lentamente da gruta. Quando ele voltou para a vila, o Anjo apareceu de repente a seu lado:

— Voltarei para a montanha com você. Assim poderá dormir em paz quando chegar lá. Nada acontecerá às ovelhas nessa noite.



Eles andaram silenciosamente pelas ruas de Belém e Jonathan começou a perceber que, ao passar pela casa de pessoas conhecidas, pensava nelas com amor. Ele amava de fato todas as pessoas da vila e não se importava mais por Levi ter-lhe jogado uma pedra no outro dia, nem por seu irmão, às vezes, puxar o seu cabelo ou xingá-lo. Essas coisas não eram importantes. O importante era que todos aprendessem a amar-se uns aos outros e assim não haveria mais sofrimento no mundo. E Aquela Criança tinha vindo para dizer isso a todos.

Quando alcançaram o topo da montanha, Jonathan estava com muito sono. Sabia que devia dizer algo gentil ao Anjo e agradecer-Lhe por tê-lo levado para ver a criança, mas antes que pudesse falar alguma coisa, o Anjo disse:

— Agora, deite-se e durma Jonathan. Pela manhã, haverá um lindo nascer do Sol.

Jonathan deitou e cobriu-se com o cobertor. Logo adormeceu, mas, durante toda a noite, ouviu a música divina e viu a luz abençoada brilhando sobre Belém. Ele e suas ovelhinhas estavam seguros na companhia dos Anjos.



A MENSAGEM DAS FADAS

Amelia C. Elliott

Sob as árvores em um dia de verão ensolarado,
Uma criança estava a brincar alegremente
Por entre as flores, e então arrancou rapidamente
Um lírio de cálice dourado.

Nesse cálice uma fada estava sentada.
O que é isto? Diz a criança espantada.
Uma fada! Uma fada! Com alegria gritou,
Quando vindo de outra árvore, um outro vulto pulou.

O que veio da árvore era verde e marrom:
Não teria sido visto se não houvesse escorregado.
Tão pequenino era que se colocado em uma taça,
Uma folha da árvore tê-lo-ia ocultado.

Suas calças eram verdes e sua jaqueta marrom,
Suas asas coloridas; minúscula coroa usava.
Sua voz muito fininha, mas era clara como um sino,
Sua mensagem rapidamente ele a pronunciava.

“Menininha, menininha não fuja de nós, por favor,

Fique conosco e ouça o que lhe vamos dizer:

Nós chegamos de um vale, cheio de paz e de amor,
E uma mensagem de fadas e duendes nós viemos lhe trazer.

“Um dia, em um vale distante, você brincava,
E do fundo de um poço, ouviu uma voz que chamava;
Você correu, com o coração batendo apressado,
E salvou um gatinho que os cães haviam caçado.

“Vimos recompensá-la por sua tão boa ação,
Ao proteger um ser de Deus e todos os que são mudos, como esta criaturinha.
Vamos coroá-la com flores, que jamais perecerão;
Sempre a protegeremos, querida e bondosa amiguinha”.

“Vá dizer as criancinhas, onde quer que elas estejam,
Para serem sempre boas com os gatos e os cães que vejam.
Pois Deus manda minúsculas fadas para com elas brincarem
Para ouvirem suas vozes e assim as entenderem.



“Esta mensagem deixamos e nosso caminho seguimos:

O amor deve ser o lema, quando brincando estiverem,

Nunca, por palavras e ações, seus companheiros ofendam

E as fadas ajudarão vocês, quando delas precisarem”.



A PRINCESA SIBELE

Elsie Lund

Era uma vez, uma solitária fada princesinha que ansiava por alguém para brincar com ela. Morava no Reino do Faz de Conta e fiava completamente sozinha com seu pai, o Rei Amor, e sua mãe, a Rainha Beleza. Claro que haviam muitas pessoas no castelo onde ela morava e ela tinha muitas damas de companhia para servi-la. Mesmo assim, ficava sozinha, porque era a única criança no reino. As outras pessoas eram adultas e crianças não conseguem brincar muito bem com adultos, não é? Claro que, se eles são apenas crianças grandes, é diferente.

Bem, ela estava cada dia mais triste por estar sozinha e finalmente foi até seu pai, o Rei Amor, e lamentou-se para ele:

— Oh, Majestade, meu Pai, eu não quero mais ser uma princesa fada! Eu sou tão solitária e infeliz aqui neste castelo enorme, sem ninguém para brincar comigo!

A Rainha Beleza, que estava sentada ao lado do Rei num trono dourado, pegou a princesa nos braços e tentou acalmá-la. O Rei Amor pensou um pouco e disse:

— Você sabe, Sibeles querida, há uma lei que diz que ninguém pode ficar aqui se não estiver satisfeito e feliz, e eu não posso mudar esta lei, nem para minha própria filha princesa. Por isso, tente ficar contente ou terei que expulsá-la para o Mundo Terra, para viver como uma das crianças da Terra.

Ele disse isto com amargura, pois o deixava infeliz saber que sua única princesinha estava descontente no seu lindo reino. Ele sabia que seria melhor para ela ficar lá, onde estava protegida de qualquer perigo, mas por outro lado, ela ganharia muita experiência se saísse do seu lar.

A princesa pediu ansiosa:

— Oh, deixe-me ir, deixe-me ir. Eu imploro! Deixe-me ser uma menininha da Terra, ter irmãos e irmã e brincar com outras crianças. Por favor, Majestade.

— Meu amor, o Rei respondeu tristemente. Você nem imagina que terá muitas mágoas e muitos problemas se for morar na Estrela Triste. (Às vezes, no Reino do Faz de Conta, as pessoas chamavam a Terra assim).

— Mas vocês, Amor e Beleza, não podem ir comigo? perguntou Sibeles.
Certamente vocês dois compensariam toda a infelicidade.

— Não, querida, nós devemos ficar aqui para governar este reino, afirmou Amor.

— Mas, nós podemos mandar uma centelha de nossa varinha de condão para iluminar os lugares escuros de seu coração, se ela realmente quiser ir, disse a Rainha Beleza para o Rei Amor.

Então, eles enviaram à Terra a Princesa Sibeles, que queria ir à busca da felicidade. Todos lhe disseram que ela esqueceria seus amigos fadas quando se tornasse uma criança da Terra. Isso a preocupou, porque ela os amava e não queria esquecê-los, nem a seus pais. Por isso, ela procurou sua mãe, a Rainha, que lhe deu um conselho enquanto a abraçava docemente:

— Querida, ouça-nos na canção dos pequenos riachos que correm por entre as árvores. Procure-nos nas flores dos bosques. E sinta-nos nas suaves mantas de musgo verde.

Assim, Sibeles tornou-se uma pequena criança da Terra, como todos nós.

* * * * *

Alguns anos se passaram e ela já estava crescida o suficiente para correr, brincar e querer conhecer as coisas quando, um dia, enquanto colhia margaridas, encontrou uma minúscula criaturinha, cheia de brilho, de orvalho e de graça, dançando no centro amarelo da maior margarida que Sibeles já

havia visto. Dançando, cantando, e acenando uma varinha de condão, a pequena fada cantou para Sibebe, com exuberante alegria:



“Deus me ama e a você eu tenho amor.

Oh, diga que me ama, por favor”.

Depois a fada saltou da margarida, arrastou-se para dentro do ouvido de Sibebe e sussurrou:

“Não se esqueça de nós, querida,

Nunca, nunca à esqueceremos.

Amor, Beleza e as fadas também,

Nunca, nunca a deixaremos”.

Desta forma, a faísca da varinha de condão que o Rei Amor e a Rainha Beleza haviam colocado dentro do coração de Sibebe resplandeceu por um momento e a partir de então, a princesa na Terra sentia a presença deles para protegê-la e

alegrá-la sempre que ficava sozinha; pois ela muitas vezes estava só, porque na Terra as crianças também ficam sozinhas, de vez em quando, Sibelesentia-se triste porque as crianças que brincavam com ela não acreditavam em fadas. Ela sabia que as fadas eram bem reais e ficava preocupada ao pensar na alegria e felicidade que estas crianças estavam perdendo.

Bem, todos os dias, Sibeles encontrava uma mensagem do Rei Amor e da Rainha Beleza — sim, todos os dias. Um dia, ela viu uma pequena nuvem branca sendo lentamente perseguida por duas nuvens cor de rosa no céu azul; e ela riu docemente ao ver as nuvens brincando.

— Obrigada, Rainha Beleza, por me mostrar uma coisa tão bela hoje.

Um outro dia, ela estava passeando, um pouco cansada e descontente — era um dia escuro e abafado e todos pareciam estar muito ocupados para brincar com ela — quando viu uma mocinha passando. Tinha aproximadamente dezoito anos e havia um brilho de felicidade em seus olhos. Talvez alguém lhetivesse dito alguma coisa agradável. Ela sorriu-lhe tão docemente, que Sibelesentiu um estranho arrepio por todo o corpo. Ninguém poderia sentir-se triste ao receber um tal sorriso, cheio de amor, felicidade e compreensão.

Então, Sibeles sorriu também com toda a coragem que possuía. Ela gostaria de saber se aquela jovem sabia que estava sendo enviada pelo Rei para trazer-lhe uma mensagem de amor.

Amor e Beleza se comunicam conosco todos os dias e de várias maneiras. Se abirmos os olhos e o coração e deixarmos que eles transmitam o que desejam, saberemos que existe um Deus maravilhoso que nos ama e que nos deu este mundo para vivermos, para sermos felizes e para crescermos em sabedoria, que é o conhecimento com amor.

À medida que Sibeles crescia, procurava cada vez mais ajudar as pessoas a perceberem que ninguém é esfarrapado, sujo ou feio demais para ser ajudado, pois não podemos avaliar, pela aparência de uma pessoa, que alma brilhante

possa ter. Jesus Cristo disse que o que fizermos para os outros, estamos fazendo para Ele. Não é maravilhoso podermos servir a quem faz tanto por nós? A melhor maneira de demonstrarmos nosso amor por Ele, é procurarmos ajudar e sermos bons para todos.

Sibele cresceu e tornou-se adulta. Todos que se aproximavam dela abençoavam-na por sua doçura, sabedoria e bondade. Quando chegou a hora de deixar a Terra, Sibele voltou para o Reino do Faz de Conta. Quanta alegria e felicidade houve quando a Princesa Sibele voltou; ela aprendera que a verdadeira felicidade está em servir os outros!



COMO O BURRO CONSEGUIU SUAS ORELHAS E SUA VOZ

S. B. McIntyre

Era um domingo, e o claro céu azul sobre o deserto do Arizona tinha começado a adquirir suas costumeiras cores de arco-íris, de fim de tarde, enquanto o Sol se aproximava cada vez mais do horizonte a oeste da Montanha Tucson.

Bernardo Pierre, de cinco anos, que estava convalescendo de uma doença, tinha sido enrolado em um cobertor e levado para o alpendre da casa, onde descansava feliz nos braços de seu pai, admirando cenas que há muito tempo não via — as flores viçosas do jardim, a grama recém cortada, os lindos matizes alternantes do céu e as distantes montanhas do Norte.

De repente, ele disse:

— Papai, você sabe uma história nova?

— Acho que não, Bernardo, respondeu o pai. Penso que já contei todas as histórias que sei.

Naquele instante, a mula de Bernardo, Saltitante, começou a bradar no curral, atrás da casa. O som alto e peculiar, na noite silenciosa, assustou o Senhor Pierre. Então, ele riu baixinho e disse:

— Lá está o seu rouxinol do Arizona reclamando a comida, Bernardo.

— Ah, papai, isso não é um rouxinol. O rouxinol é um pássaro. Isso é a minha mulinha bramindo. Por que você a chamou de rouxinol do Arizona?

— Os vaqueiros lá das pastagens chamam os burros assim, para fazer piada sobre suas vozes desafinadas. Os rouxinóis cantam noite e dia; os burros também bradam noite e dia. Mas, que eu saiba, nós não temos rouxinóis no

Arizona, mas temos muitos burros. Por isso, os vaqueiros acham engraçado chamá-los de nossos rouxinóis, porque a voz dos burros é horrível comparada ao doce canto dos rouxinóis. De qualquer forma, isto me faz lembrar uma história há muito tempo esquecida. Meu avô costumava contá-la para mim, quando eu tinha a sua idade.

— É uma história verdadeira, pai?

— Não, filho. É uma história que chama nossa atenção para o fato de que até as mães dos animais protegem e ensinam seus filhotes, a fim de que eles possam saber como cuidar de si próprios quando estiverem crescidos e saindo para o mundo. Mostra-nos também como devemos desenvolver nossos órgãos, para que eles possam ser mais úteis, como a voz, por exemplo, para que possamos expressar nossos sentimentos e pensamentos com maior clareza. Meu avô dizia que o nome da história era: “Como o Burro Conseguiu Suas Orelhas e Sua Voz”.

Bernardo sorriu, aconchegou-se nos braços do pai e pediu:

— Parece engraçado, papai. Por favor, conte para mim.

Essa história aconteceu há muito tempo, e é sobre a mamãe mula e seu filho Coiote. O nome da mãe era Senhora Genny. Ela pertencia a um mineiro que, numa linda manhã de primavera pôs uma sela de carga em seu lombo, e carregou-a com picaretas, pás, feijão, farinha e outros suprimentos e conduziu-a até sua mina, nas Montanhas da Catalina, lá no Norte. E ali, o mineiro esperava manter a Senhora Genny trabalhando para ele, o tempo todo, durante o verão.

Contudo, ela tinha outros planos para si mesma. Não gostava de trabalhar e tinha planejado longas férias na sombra fresca das árvores da montanha, onde a grama era farta e macia e o rio descia da montanha, frio e refrescante, até o deserto em baixo.

Uma noite, quando seu dono pensou que a Senhora Genny tinha começado a gostar tanto de sua nova casa que ficaria contente em ficar lá sem objeções, não a amarrou e nem lhe colocou o sino, como costumava fazer. A Senhora Genny tinha esperado muito tempo por essa liberdade e, antes do amanhecer, estava na floresta há quilômetros de distância, onde tinha certeza de que nunca seria descoberta. Lá, ela fez uma morada para si numa velha e abandonada cabana de mineiros, onde seu filho Coiote nasceu.

Tudo correu bem com o filhote e sua mãe, até Coiote completar quatro meses. Aí, a Senhora Genny começou a ficar preocupada com o fato de Coiote ser muito novinho para enfrentar o rigoroso frio do inverno.

Então, começou a ensiná-lo como se cuidar sozinho, para que ele pudesse descer a montanha até a casa de seus parentes, no deserto, onde ela decidiu que ele passaria o inverno. Levou-o até lugares onde a grama era mais macia, pois seus dentes ainda estavam crescendo, e onde havia riachos de água mais limpa e fresca para ele beber.

Entre outras coisas, a Senhora Genny ensinou Coiote a importância de escutar, para ter a capacidade de detectar sons que o advertissem em caso de algum perigo. A movimentação contínua de aguçar e virar suas orelhas para cá e para lá para ouvir sons de advertência, fizeram com que as orelhas de Coiote crescessem mais longas do que o normal nos burros. A Senhora Genny não ligou para isso. Ela achou melhor para ele ter orelhas longas, mesmo que não fossem bonitas, do que curtas e belas que não pudessem captar sons à distância, como Coiote era capaz de fazer agora.

Numa fria manhã, quando a Senhora Genny viu Coiote tremendo e se aconchegando ao seu lado, decidiu que já era hora dele ir para um lugar que fosse mais quente.

Então, recomendou, no seu jeito silencioso de falar:

— Coiote, está mais agradável e mais quente lá no deserto onde mora sua avó. Decidi que você deve ir e fazer-lhe uma longa e agradável visita.

— Será ótimo, mamãe, disse Coiote, em palavras que ainda não aprendera como fazê-las audíveis. Teremos dias muito bons lá embaixo no calor gostoso do Sol, não é?

— Mas eu não posso ir com você, disse sua mãe. Meu dono estará em casa esperando por mim. Depois deste longo período de liberdade, a ideia de voltar para uma vida de trabalho duro não me agrada.

— Mas eu não quero ir sozinho, resmungou Coiote.

— Sei que será uma longa e difícil viagem para você, querido, concordou a Senhora Genny, mas você já está grandinho e eu tenho certeza de que, com tudo o que aprendeu de mim, você conseguirá chegar lá com grande orgulho para mim e para você também.

— Tenho de ir imediatamente? - Suplicou Coiote.

— Seria melhor, querido. Mas nós nos divertiremos e não nos preocuparemos com isso hoje. Amanhã tomaremos uma bela refeição ao amanhecer e, quando o Sol quentinho tiver empurrado um pouco o frio do ar, tenho certeza de que achará uma boa ideia ir embora daqui. As noites serão cada vez mais quentes, à medida que você for descendo a montanha. E, quando você passar por onde o Senhor João, o eremita, mora, estará bem seguro.

Coiote estremeceu e disse:

— Se o Senhor João me pegar, vai me comer?

— Não, a menos que ele esteja com muita, muita fome, respondeu sua mãe.

Mas, você deve prestar atenção para que nenhum animal selvagem o pegue no caminho. Você seria um alimento gostoso e macio para eles agora, mas quando estiver com um ano, você será tão valente e robusto que nenhum animal tentará comê-lo.

— Acho que seria melhor eu esperar até ter um ano, afirmou Coiote apavorado.

— Oh, não! Você estaria morto e congelado antes da primavera, porque o inverno daqui é terrivelmente frio. Você deve prestar atenção, como eu o ensinei, a cada passo do caminho e, se escutar algum som perturbador, deve agachar-se no chão, esconder a cabeça, a cauda e os cascos debaixo da barriga, ficar bem quietinho, e com o pelo cinzento que tem, você pode ser confundido com uma pedra.

Na manhã seguinte, logo depois do nascer do Sol, a Senhora Genny acordou Coiote, deu-lhe uma boa refeição da manhã, levou-o até um atalho bem marcado na encosta da montanha, esfregou seu nariz no dele e apressou-se em voltar, emocionada.

Coiote viajou e viajou durante o dia todo e, quando a noite veio, deitou-se perto de uma árvore onde ficou tremendo de medo de que algum animal selvagem descobrisse que ele não era uma pedra, apesar de fazer como a mamãe mandou, tentando imitar uma.

Por volta do entardecer do dia seguinte, ele estava próximo da casa do Senhor João, que ficava perto do atalho, numa estreita clareira da montanha, exatamente como sua mãe tinha dito, e Coiote pode ver claramente um

homem perto da casa. Usava um velho chapéu de palha e tinha uma longa barba grisalha. Naquele momento estava curvado, serrando madeira.

Coiote sentiu seu coração quase parar de bater de medo quando viu o velho, porque a Senhora Genny havia dito que o Senhor João seria, com certeza, seu dono e o faria trabalhar duro se ele não conseguisse passar por sua casa sem ser capturado.

Tentando dominar o medo. Coiote pensou: “Talvez, se eu me deitar e descansar um pouco, dará tempo de o Senhor João acabar de serrar e entrar em casa. Então, poderei facilmente escapar sem ser visto”.

Mas Coiote estava cansado, o dia estava quente e, assim que se acomodou, ele adormeceu profundamente.

Já havia dormido por algum tempo quando o senhor João, andando de mansinho com seus pés calçados em um mocassim, descobriu-o.

— Ha, ha!, exclamou satisfeito. Aqui está um belo burro de carga para o trabalho do ano que vem! Levante-se e venha para casa comigo!

Acordado de surpresa, Coiote não conseguia abrir os olhos para ver que aquela voz estrondosa era a do Senhor João.

— Farei você levantar, disse ele, aproximando-se da cabeça de Coiote e em seguida, agarrou suas orelhas e puxou-as com força, até que elas se esticaram mais de quinze centímetros em sua direção. Ele ficou tão surpreso com o que viu, que largou as orelhas, perplexo.

Imediatamente Coiote ficou em pé e desceu correndo a montanha, o mais rápido que suas pernas conseguiram. Quando já tinha alcançado o que considerou uma distância razoável para se achar seguro, deu uma olhada para trás e viu o Senhor João parado no mesmo lugar. Seu velho chapéu de palha

estava caído para um lado e ele parecia tão espantado por ver as enormes orelhas daquele animal tão pequeno, que ainda não tinha conseguido mover-se.

Coiote estava tão contente agora por estar salvo, longe do Senhor João que seu coração não pôde suportar toda a emoção. Ele abriu bem a boca para deixar escapar um pouco de sua alegria. E, para sua surpresa, um “He-he-hee-e!” - saiu de sua garganta.

Alarmado com aquele som, Coiote respirou fundo e um “Haw-aw-aw!”, veio de onde o “Hee-heee” tinha vindo.

Por um momento, Coiote ficou assustado demais para poder se mexer. E, ao continuar descendo a montanha para se afastar ainda mais do Senhor João, decidiu:

— Não há motivo para ficar alarmado. Esses sons estavam dentro de mim! A força que os produz deve estar dentro de todos os da minha espécie. Agora, cabe a mim aperfeiçoá-los para que, quando eu chegar à casa de minha avó, possa ensinar-lhe e a toda a família como fazer isso. Assim, nós seremos capazes de comunicarmo-nos uns com os outros, sem importar qual a distância que nos separa.

Durante o resto do caminho para descer a montanha, Coiote foi praticando várias vezes a sua nova descoberta, até chegar ao curral onde sua avó e alguns dos seus parentes estavam; pareceu-lhe a coisa mais fácil do mundo expressar sua alegria ao vê-los. Ele o fez com um “Hee-ha! ”.

A vovó mula trotou rapidamente para esfregar seu focinho no dele.

— Coiote, querido, estou tão feliz em vê-lo! - Expressou sem emitir sons - Mas suas orelhas! Sua voz! Uma coisa maravilhosa aconteceu com um burro!

Você deve ter feito algo maravilhoso para merecer ganhar coisas tão espantosas!

— Não fiz nada de maravilhoso, Vovó - respondeu Coiote - Só deixei sair o que havia dentro de mim. E não há nada de extraordinário sobre essas coisas, vovó. Pois o que existe em mim, existe em todos nós. Só precisa ser trazido para fora. Você já ouviu dizer que “o que não usamos, perdemos”?

— Muitas vezes, querido!

— Bem, eu decidi que há outro ditado, tão verdadeiro quanto esse: “o que nós não desenvolvermos dentro de nós mesmos, nunca poderemos usar!”, então, amanhã, depois que eu descansar, vou contar para todos que queiram saber, como eu consegui minhas longas orelhas e minha voz!

Coiote cumpriu sua palavra. No dia seguinte, juntou todos os seus parentes ao seu redor e começou a contar como desenvolveu suas orelhas e sua voz. Seus parentes contaram a seus filhos e amigos.

Logo, os burros de todos os lugares estavam seguindo o conselho de Coiote e praticando o autodesenvolvimento. E eles certamente continuam praticando porque, hoje, todos os burros têm voz ruidosa e orelhas compridas.



A VESTE NUPCIAL

Ella Van Gilder

Era uma vez, bem no início da criação do mundo, bem distante de todas as estrelas cintilantes, no pequeno reino de Mundi, uma velha senhora e suas duas encantadoras filhas, Celeste e Terra.

Embora as duas meninas fossem lindas, tinham personalidades muito diferentes. Celeste era boa, meiga e atenciosa; Terra era rude e egoísta.

A mãe delas gostava mais de Terra, por esta parecer-se mais com ela. Por isso, ela dedicava todo seu amor à Terra, dava-lhe todas as coisas belas que possuía e deixava que crescesse vaidosa e negligente.

Celeste nunca teve coisas bonitas como sua irmã e parecia cair sempre sobre seus frágeis ombros o fardo dos outros, mas ela estava sempre radiante, alegre e solícita, nunca reclamando por suas tarefas serem difíceis.

O Rei desse país estava fazendo uma longa viagem e prometeu que quando voltasse traria sua noiva com ele. Mas, como haviam muitos compromissos pelo caminho, os quais retardavam seu retorno, ele não podia dizer exatamente quando voltaria. Por isso, pediu a seu povo que estivesse sempre pronto para recebê-lo para que, no momento em que ouvissem o arauto anunciar a sua chegada, pudessem ir à festa preparada para tal ocasião.

Tão logo ele partiu, as pessoas começaram a agir de várias formas; algumas pensaram que faltava muito tempo para sua volta e acharam que era ainda cedo para prepararem-se. Outras imaginaram que ele poderia ser morto e nunca mais voltar. Outras ainda a e guardaram-nas para serem usadas quando ele chagasse; e muito poucas fizeram o que ele realmente havia pedido: que o esperassem a cada dia.

Terra e sua mãe fizeram um maravilhoso vestido longo, todo em ouro, bordado com rubis e pedras preciosas e, quando ficou pronto, elas o deixaram guardado num baú lindamente entalhado.



Mas, para Celeste nada fora planejado e ela tinha apenas as suas roupas de todo dia, que usava na tarefa diária de ir ao topo da montanha para alimentar as ovelhas e os cordeirinhos, e ninguém sabia qual o vestido que ela pretendia usar na chegada do rei. Todas as noites, não importava quão cansadas estivessem suas mãos, ela tecia um pouco de seu vestido longo, trabalhado com pequenos fios de lã, deixados nos arbustos pelas ovelhas, e com pétalas de flores resplandecentes que ela tanto gostava. Às vezes, as lágrimas chegavam a cair, mas ela as enxugava e sorria contente pois sabia que o Rei ficaria satisfeito com seu trabalho.

Depois de muito tempo, quando o vento que sopra ao redor das est tinha circundado várias vezes o pequeno reino, o arauto anunciou a chegada do Rei. Todos apressaram-se para ficar prontos, mas alguns não tiveram tempo e

foram deixados de fora. Terra e Celeste puseram seus vestidos e foram para o salão do banquete. Terra fez Celeste ficar perto da porta, enquanto ela subiu para perto do trono real.

Pouco tempo depois, o mestre de cerimônias entrou no salão para ver se estava tudo em ordem, mas quando chegou perto das pessoas que haviam se apressado e por isso não estavam vestidas adequadamente, ele as fez sair, pois ninguém poderia aparecer perante o Rei, se não estivesse cuidadosamente trajado.

Ao passar por Terra, ele parou e perguntou por que ela não estava com um vestido adequado. Surpresa, ela olhou para sua maravilhosa veste e ficou horrorizada ao ver que estava toda manchada por falta de uso. Os rubis pareciam gotas de sangue e os bordados estavam todos pretos. Ao ir embora, tentou levar Celeste junto com ela, mas o mestre a impediu, dizendo:

— Veja! Ela está com a Veste Nupcial.

Terra olhou e, veja só! cada fio de linha havia se transformado em ouro, as lágrimas eram pérolas e as resplandecentes folhas e flores eram pedras preciosas.

O mestre levou Celeste até a cadeira que Terra ocupara, para ela sentar-se com aqueles que tinham ficado vigilantes e estavam prontos para a chegada do Rei.



A PRIMEIRA PÁSCOA

Dagmar Frahme

Raquel encostou na grande oliveira e olhou para a colina. Que linda manhã de domingo! As colinas estavam todas avermelhadas pelo Sol matinal e as pequenas flores púrpuras, que cresciam ao redor da árvore, pareciam excepcionalmente vivas e bonitas. E havia uma brisa suave que parecia soprar para longe toda a tristeza dos dois dias anteriores.

Os dois últimos dias foram realmente muito tristes, pensou Raquel. Lembrou-se de como se sentiu infeliz na sexta-feira, enquanto trabalhava no jardim. E, mesmo quando seu cordeirinho de estimação, que seu pai lhe havia dado de presente pulava sobre ela e lambia sua orelha, ela tristemente afagava-o no nariz e o empurrava gentilmente, pois nem brincar com ele ela queria. Então, ele saía tristonho, com o rabo e as orelhas abaixadas. Ela não entendia porque não tinha vontade de brincar com o doce cordeirinho.

E, mais tarde, o céu ficou tão escuro que ela teve medo que caísse uma grande tempestade. Ficou escuro e nublado por muito tempo. Finalmente, sua mãe chegou em casa, pegou Raquel no colo e deu-lhe a triste notícia. Eles tinham matado Jesus — o mesmo Jesus que, há um ano atrás, tinha curado a perna de Raquel fazendo com que ela pudesse correr e brincar.

Raquel não podia acreditar. Por que alguém mataria Jesus, que só tinha feito coisas boas? Ela lembrou-se de novo daquele dia em que seu pai a levou ao campo onde Jesus estava ensinando. Havia uma enorme multidão e naquele tempo Raquel não gostava de multidões porque estava doente e fraca e muita gente ao seu redor deixava-a mais cansada ainda.

Seu pai acomodou-a em um cobertor, perto de onde Jesus estava sentado e, ao olhar-Lhe o rosto, Raquel sentiu o cansaço passar e ao mesmo tempo desaparecer a terrível dor em sua perna. Seu rosto era tão bondoso que Raquel

teve vontade de ir sentar-se em Seu colo. Ele não sorria muito, mas Seus olhos transbordavam amor quando olhava para às pessoas. Às vezes, Ele olhava as pessoas triste e ansiosamente, como se quisesse fazer ou dizer-lhes alguma coisa, mas, por qualquer razão, não o fazia. Uma luz brilhava ao Seu redor enquanto Ele olhava para Raquel e para as outras crianças. Oh, como ela O adorou!

Na realidade, ela não entendeu direito o que Ele dizia, — mas recordou-se de uma história que gostou muito. Era a história de um menino que saiu da casa de seu pai e gastou todo o dinheiro que este lhe havia dado. Meteu-se em confusões, ficou doente e, quando sentiu-se tão infeliz que não pôde mais suportar, resolveu voltar para a casa de seu pai e pediu-lhe para aceitá-lo como empregado — porque estava certo de que tendo sido tão mal, seu pai não o receberia mais como filho. Mas, quando o pai o viu chegar, ficou muito contente e o recebeu com um grande abraço e imediatamente preparou uma festa para ele. Raquel pensou no quanto aquele pai amava o filho, sendo até capaz de perdoá-lo por todas as coisas ruins que este havia feito e de recebê-lo de volta com uma festa. E ela sabia — mesmo sem ter certeza se Jesus havia dito isso ou não — que esta é a maneira como Deus ama todos os Seus filhos. Não importa quão terríveis eles sejam, se estiverem arrependidos, querendo voltar para casa, Deus ficará muito feliz.

Raquel nunca esqueceria como Jesus, depois de acabar de falar, a olhara. Ela estava sentada no tapete. As pessoas aglomeravam-se ao Seu redor, esperando que Ele falasse algo mais. Mas, Ele foi até Raquel, olhando-a tão carinhosamente que ela teve vontade de levantar-se e abraçá-Lo. Ele curvou-se, tocou delicadamente sua testa e passou a mão em seus cabelos. Disse qualquer coisa que ela não se lembrava mais, porque, de repente, sentiu-se como se estivesse em um outro mundo, cheio de Anjos, luzes e uma linda música.

Então, Raquel percebeu que podia mover sua perna e até ficar em pé. A mesma perna que doía sempre e há tanto tempo... e que tinha uma forma esquisita, tão diferente da outra. Mas agora essa perna estava igual a outra, podia movê-la como quisesse. Primeiro, ela ficou de pé e até andou, sem mancar e sem sentir dores. Depois, começou a pular e rir. Lembrou-se de haver chamado seus pais para verem e, de repente, tudo parecia acontecer ao mesmo tempo. Sua mãe — por alguma razão, — estava chorando. As outras crianças estavam ao seu redor, pulando e rindo com ela, e quando procurou seu pai não pode achá-lo, mas logo o viu ajoelhado diante de Jesus — e estava chorando também! — Jesus estava dizendo alguma coisa e sorrindo para ele.

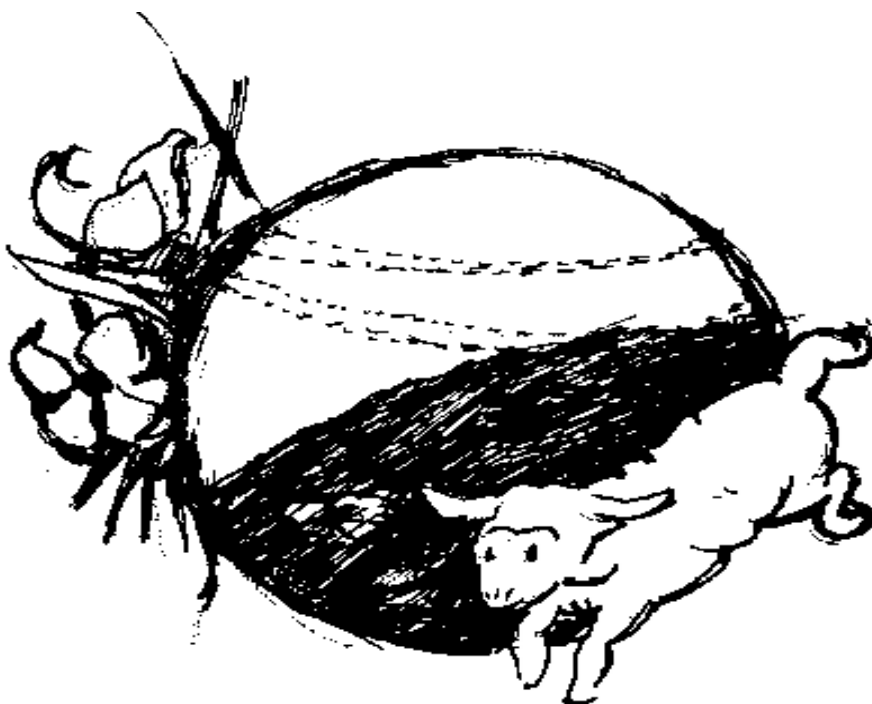
Então, Raquel quis ir até Jesus para Lhe agradecer por tê-la curado, mas havia uma multidão em volta dela e sua mãe a abraçava e algumas crianças a puxavam pela mão para ir brincar, que ela não pode passar. Quando conseguiu, Jesus já estava longe e novamente havia muita gente a Seu redor. Mas, de repente, Ele a olhou novamente e ela, olhando dentro de Seus olhos reluzentes, murmurou: “Obrigada” e, apesar da distância, ela tinha certeza que Ele tinha entendido o que ela disse. Depois, quando Ele a olhou novamente e sorriu, Ele lhe transmitiu uma luz e calor maravilhosos, que a envolveram e ficaram com ela para sempre. E agora Ele se foi e ela nunca mais O veria. Parecia-lhe simplesmente impossível que o povo O tivesse matado. E, se Ele se foi, por que ela estava tão feliz naquela manhã? E, por que o dia estava tão bonito e o ar tão doce?

Raquel quase sentia-se envergonhada por estar tão feliz. Durante todo o dia anterior, ela teve vontade de chorar, mas esta manhã ela não conseguia ficar triste. Tudo o que ela conseguia pensar sobre Jesus é que, na realidade, Ele não tinha ido embora. Ele estava exatamente ali, onde sempre estivera desde que ela O conheceu. Ela sabia que isso era verdade, não importava o que seu pai, sua mãe ou qualquer outra pessoa dissesse. Percebeu que não sentia falta de Jesus porque ela não O tinha perdido. Ele estava ali!

Raquel tentou discutir consigo mesma. Como podia estar ali, se O mataram? E por que tinha tanta certeza de que Ele não tinha ido embora? Sabia que se contasse aos pais como se sentia, eles apenas sorririam para ela com amor e sua mãe provavelmente ficaria com os olhos cheios de lágrimas. Mas, eles certamente não acreditariam nela.

Meu Deus, como as coisas são confusas! Raquel tentou ficar triste de novo, mas não conseguiu. O Sol brilhava mais do que nunca, as pequeninas flores púrpuras balançavam-se alegremente e a brisa suave ainda estava soprando e trazia com ela uma doce e especial fragrância. Ela não podia ficar triste!

Então, Raquel teve de novo a sensação de estar naquele outro mundo, cheio de Anjos, luzes e uma linda música. Sentia-se exatamente como no dia em que Jesus a curou. Olhou então para cima — havia Anjos no céu, uns poucos deles. Era quase como se eles devessem estar lá e ela teria ficado surpresa se não os tivesse visto.



Um dos Anjos desceu e parou ao lado dela, sorrindo. Parecia ser um Anjo especial, rosado como aquela manhã ensolarada. Vestia-se de cor-de-rosa e uma maravilhosa luz da mesma cor brilhava ao seu redor.

— Raquel, querida — ele disse — você tem razão de estar feliz hoje. Não tente mais ficar triste. Hoje é o dia mais maravilhoso que já existiu na Terra e todas as pessoas em todos os lugares deveriam estar mais felizes do que nunca.

— É um dia maravilhoso — concordou Raquel — Eu posso senti-lo. Mas por que é tão maravilhoso? E por que eu não fico triste quando penso em Jesus?

O Anjo sorriu mais docemente ainda.

— Porque não há razão para ficar triste por causa d’Ele. Você estava absolutamente certa ao pensar que Ele não se foi. Na realidade, as pessoas não O mataram. Elas não poderiam ter feito isso. Você não pode vê-lo agora porque Ele não precisa mais viver num corpo físico, de carne e osso, como você e as outras pessoas. Seu corpo é tão luminoso, que Ele pode fazer esta luz brilhar sobre o mundo todo, e até através do mundo, e é isso que Ele vai fazer de agora em diante. Sua luz é tão reconfortante e tão cheia de amor e bênçãos, que as pessoas não poderão evitar de serem aquecidas por ela e fazerem só coisas boas e amorosas. E Jesus deixará sempre Sua luz brilhar na Terra, até que um dia — daqui a muitos e muitos anos quando as pessoas tiverem se tornado melhores — todos terão corpos de luz.

— Até eu? — Perguntou Raquel, com os olhos arregalados.

— Especialmente você — sorriu o Anjo ternamente.

— Meu Deus! — Suspirou Raquel, pensando no que o Anjo lhe tinha dito. E havia tanto em que pensar, que Raquel só podia dizer: “Meu Deus!” — Depois suspirou de novo e disse: “Meu Deus!” — Pela terceira vez.

O Anjo sorriu carinhosamente:

— Sim, Raquel, há muito para pensar, não é? Este é o presente mais bonito que Deus já deu ao mundo. Cristo Jesus, você sabe, é o próprio Filho de Deus. A luz de Cristo brilhará sobre todos os seres humanos a partir de agora. Ela é

tão bonita e tão cheia do amor de Deus que ninguém pode imaginar quanta coisa boa será feita com ela, um dia.

Raquel sentou, olhando para o Anjo com os olhos ainda arregalados. Era difícil entender, de uma só vez, o que o Anjo dizia e ela teria que pensar sobre aquilo muitas e muitas vezes mais. Sabia também que tinha entendido o mais importante: o querido Jesus (que o Anjo chamara de Cristo Jesus) não fora embora e ela poderia continuar amando-O, como sempre o fez desde o primeiro dia.

E agora de um modo até melhor do que quando Ele andava pela Terra, porque, se Sua luz brilhava sobre ela o tempo todo, isso significava que Ele estava sempre com ela, e se Ele estava com ela todo o tempo, ela poderia falar com Ele quando quisesse, sem precisar esperar sua vinda até ao povoado. E certamente Ele a ouviria, não é?

Raquel quis perguntar isso ao Anjo, mas ele a entendeu antes que ela falasse:

— Claro que Ele pode ouvi-la, querida. Ele sabe tudo o que você faz, tudo o que pensa, todos os problemas que tem e tudo o que a faz feliz. E quer que você converse com Ele. E, quanto mais você acreditar Nele e deixar Sua luz brilhar sobre você e tentar ser tão boa, tão generosa e tão amorosa como Ele era quando você O viu atuar na Terra, mais Ele poderá ajudá-la a transformar seu corpo em luz brilhante.

De repente, Raquel deu um salto e exclamou: |

— Sinto-me tão bem! Posso até sentir a luz brilhando sobre mim agora. Tudo está tão agradável e brilhante.

Mal posso esperar para contar tudo à mamãe e papai.

Então, ela parou e olhou para o Anjo com o rosto preocupado:

— Você acha que eles vão acreditar em mim?

O Anjo parecia um pouco sério quando respondeu:

— Tenho certeza que seus pais acreditarão em você. Mas receio que haja muitas e muitas pessoas no mundo que levarão muito tempo sem acreditar na luz de Cristo, e cabe a você e as pessoas que acreditam, serem tão boas e amorosas para que as descrentes vejam, através de vocês, esta luz brilhando e saibam o quanto isto é maravilhoso.

— Oh, eu serei boa — exclamou Raquel — Amo tanto a Jesus e quero ser exatamente como Ele, tornando as pessoas boas e felizes como Ele fez.

— Você vai conseguir, Raquel — disse o Anjo — Lembre-se e peça sempre a ajuda de Cristo Jesus. Ele também a ama muito e quer ajudá-la.

Com isso, o Anjo sorriu uma vez mais para a menina e, elevando-se do solo, juntou-se aos outros Anjos que esperavam por ele no céu. Raquel olhou-os até que desaparecessem.

Depois, ela correu para casa o mais rápido que pôde. Quando estava quase chegando, seu cordeirinho de estimação veio correndo encontrá-la. Desta vez, ela ajoelhou-se e abraçou-o. Ele lambeu sua bochecha com sua língua áspera e rosada fazendo-lhe cócegas e, então, Raquel riu e segurou-o forte e carinhosamente.

Ela olhou para o céu e pensou que seria fácil ser boa e amorosa. Tudo o que ela teria de fazer era lembrar-se da luz de Cristo. Enquanto essa luz estivesse brilhando sobre ela, enquanto lembrasse das coisas maravilhosas que Jesus tinha feito, enquanto O amasse como O amava, enquanto estivesse pedindo Sua ajuda e enquanto desse o melhor de si todos os dias, ela sabia que Ele lhe daria toda a ajuda e força que ela precisasse.



A LADRA

A. N. B.

Saindo a noite,
O dia entrando,
A luz do Sol
Do mês de maio raiando.

Ouço um ruído,
Um som vibrante, um zumbido.
Imagino o que possa ser,
E ao redor procuro ver

Vejo lá, às escondidas,
Uma fada com asas acastanhadas
O néctar gostoso sugando,
E das flores vai roubando
As doçuras que estavam guardadas.

Um manto felpudo com tiras douradas,
Esta ladra está esquentando.
O que vejo quando me aproximo?
Ora! É só uma enorme abelha cantando.



O PALÁCIO SOBRE O GRANDE CARVALHO

Florence Barr

— Oh, vocês horríveis criaturas! Vão embora. Vão embora! Disse Rosália, batendo o pezinho. As lágrimas saltaram de seus olhos, e com lábios trêmulos repetia: Vão embora!

Naquele momento, os Pensamentos Secretos a beijaram, dizendo:

— Oh! Rosália, querida, lembre-se, esta manhã você prometeu: Eu serei bondosa com todas as criaturas viventes. Depois, os Pensamentos Secretos enxugaram delicadamente suas lágrimas, sussurrando: Peça desculpas às formigas por não ter sido delicada.

Rosália estava envergonhada; ficou em silêncio por alguns minutos e depois admitiu:

— Sinto muito, de verdade. Mas, vocês sabem, eu nunca tive uma fatia de bolo de casamento. Eu o deixei por um minuto e, quando voltei para pegá-lo, ele estava coberto de formigas pretas.

Uma risada vinda de algum lugar fez o rosto da menina brilhar e ela chamou, sorrindo:

— Onde está você, duende Elkin.

— Se der mais um passo eu estarei embaixo de seu pé, disse ele.

Isso fez Rosália gargalhar. Depois, ela olhou, parecendo um pouco triste quando comentou:

— Você ouviu o que eu disse há um minuto atrás, Elkin?

— Sim, eu ouvi, respondeu o duende. Mas, já que você está mesmo arrependida, é melhor esquecer tudo. O problema é que você não conhece as coisas maravilhosas que estão ao seu redor. Venha comigo e eu a levarei a um verdadeiro palácio real. Não deixe de levar a Bondade do Coração, pois o Amor reina neste palácio da colina.

Rosália atravessou o jardim, seguindo Elkin e tentando imaginar em que lugar poderia haver um palácio. Ela nunca tinha ouvido falar que existia um por ali, mas, nem por um minuto, duvidou do duende. Finalmente, pararam embaixo do carvalho grande. Rosália olhou ao redor e depois para Elkin. Ele estava sorrindo e olhando para frente.

— Onde está o palácio?, ela sussurrou.

Elkin apontou para o formigueiro embaixo do grande carvalho.

— Um palácio!, exclamou Rosália.

— Sim, um palácio, riu Elkin, e nós chegamos bem na hora do casamento.

Acima do solo, o palácio de formigas era feito de uma estranha mistura de pedaços de folhas, talos de plantas, um pouco de musgo e pedrinhas, tudo unido com um pouco de terra. No subsolo, havia túneis, longas passagens, grandes salões e galerias, cada um com uma utilidade especial. O interior do formigueiro parecia uma cidade em miniatura, com suas ruas e muitas casas.

— Dentro do palácio, disse Elkin, existem muitos cômodos e as formigas que moram aí são muito atarefadas. No palácio moram muitas formigas-rainhas e centenas de formigas crianças. Elas já foram minúsculos ovos, depois transformaram-se em formiguinhas engraçadinhas, brancas e roliças, sem mãos, nem pés. Elas tinham que ser alimentadas como filhotes de passarinhos. Não tomavam banho sozinhas e precisavam de alguém que tomasse conta

delas. Mas agora já estão crescidas e hoje é o dia de seu casamento. As noivas estão radiantes em seus vestidos pretos com detalhes vermelhos, calçando minúsculos sapatinhos, também vermelhos. Preste atenção em suas asas transparentes, Rosália, pois elas usam asas no lugar de véus. Os noivos estão todos vestidos de preto. Eles também têm asas. Tudo é reboição dentro do palácio escuro, pois esta será a primeira viagem das princesas reais ao vasto mundo.

— Princesas! Exclamou Rosália.

— Sim, princesas, disse Elkin. Cada noiva é uma princesa de sangue real. Sente-se, Rosália, e fique atenta quando os portões do palácio se abrirem.

— Quem toma conta das rainhas, das princesas e dos bebês? - Perguntou Rosália.

— Os escravos fazem todo o trabalho, respondeu Elkin. Há milhares deles em todos os formigueiros, pois há sempre muito trabalho a ser feito. Eles não têm asas e assim não podem fugir. Alguns são construtores, cavam túneis e constroem pontes. Eles estão ajudando o reino mineral, transformando a terra em pó. Outros conservam as ruas limpas. Alguns trabalham no palácio e servem as outras formigas. Outros ainda, saem para tirar leite das formigas-vacas para alimentar as bebês formigas. Esse leite é tão doce que é chamado de gotas de mel, e os filhotes gostam muito dele. Os escravos alimentam as rainhas e princesas, mantendo-as sempre felizes. Outros arrumam os enormes salões, limpando os pedacinhos de grama e palha!

Nesse momento, os portões do palácio se abriram e por eles entraram os escravos, deixando tudo em ordem para a festa do casamento. Quando tudo estava pronto, centenas de casais deixaram o palácio alegremente. Oh, como as formigas estavam contentes por verem, pela primeira vez, a luz do Sol! Elas subiram nas mais belas flores, esticaram-se e abriram suas asas

transparentes. Como era bom sentir o ar morno! Oh, como era lindo lá fora. Então, todas elas levantaram voo ao mesmo tempo e voaram alto, alto, cada vez mais alto, a perder de vista.

— Onde elas foram? Sussurrou Rosália para Elkin.

Para muito longe daqui, mas elas voltarão amanhã disse Elkin. E, quando voltarem, as noivas estarão diferentes, pois terão perdidos suas lindas asas, seus véus de núpcias. Elas voltarão para o palácio escuro e viverão exatamente como as outras rainhas têm vivido. Elas botarão ovos e terão seus filhotes formigas.

— E o que os noivos formigas farão?

— Oh, eles nunca mais entrarão no palácio. Só rainhas e escravos vivem neste palácio embaixo do grande carvalho.

— Eu realmente sinto muito por ter sido tão tolinha. Imagine, Elkin, eu não sabia que as formiguinhas eram tão maravilhosas. Pensei que elas fossem apenas insetos rastejantes.

De repente, um pensamento surgiu na mente de Rosália:

— Elkin, deve ter sido algum escravo que pegou o meu bolo — eles queriam migalhas para a festa do casamento, você não acha?

— Bem, eu não ficaria surpreso se assim fosse! De qualquer modo, vamos fingir que foi. Vá agora, Rosália, eu tenho que continuar o meu trabalho. Tchau.

E Elkin foi embora.



A LIÇÃO DE MARINHO

Dagmar Frahme

Era uma vez, quatro pequenos pica-paus chamados Petri, Chipe, Margo e Marinho. Eles moravam com seus pais num grande e confortável buraco, num carvalho muito velho. Petri, Chipe e Margo eram bons pica-pauzinhos. Eles traziam para casa ótimos boletins da escola de voo, comiam suas minhocas com bons modos e aprendiam a fazer buracos limpos, sem deixar atrás muita serragem.

Marinho, porém, era um problema. Nunca prestava atenção nas aulas da escola de voo, estava sempre fora de forma — deslizando, quando deveria estar batendo as asas; subindo, quando deveria estar descendo — e se perdendo em voos de longa distância. Seus modos eram deploráveis. E os buracos que ele abria — bem, você deveria tê-los visto! Eles eram sujos, mal feitos e sempre ficava um amontoado de serragem e cascas de árvores no chão, quando ele terminava. Uma vez, Marinho deixou cair um punhado de serragem na sala da casa da Senhora Godoy, que morava embaixo da árvore onde Marinho estava abrindo um buraco. Você pode estar certo que ela foi contar a Senhora Pica-pau o que ela pensava daquilo em termos bem compreensíveis.

Um dia, Mamãe Pica-Pau teve que ir ao armazém. Antes de sair, ela chamou as crianças e disse:

— Enquanto eu estiver fora, vocês podem bicar o carvalho, podem bicar o olmeiro, o bordo, mas não os postes de telefone, porque eles pertencem às pessoas e não à floresta e nós não devemos ser descuidados e não devemos incomodá-los. Vocês entenderam?

— Sim, mamãe – Disse Petri.

— Sim, mamãe – Disse Chipe.

— Sim, mamãe – Disse Margo.

— ‘Tá legal – Disse Marinho.

Mamãe Pica-pau, que já tinha aberto suas asas para voar, abaixou-as e voltando-se para Marinho:

— O que foi? – Perguntou ela.

— Sim, mamãe – Disse Marinho relutante.

— Assim está melhor – Disse mamãe Pica-pau. E espero, Marinho, que, pelo menos desta vez, eu possa sair e voltar sem que você se meta em confusão.

Marinho encolheu os ombros e não respondeu. Mamãe Pica-pau, com uma expressão infeliz na sua face, voou embora.

— Realmente, Marinho, disse Petri, que era o mais amável dos quatro pequenos pica-paus e estava muito preocupado com as malcriações de Marinho, você deveria ser mais educado com a mamãe. Não vê como ela fica triste quando você não se comporta?

— Ah, lorota – Disse Marinho sentando-se, mal-humorado, na porta do buraco.

— Venha, disse Chipe. Vamos até aquela árvore ver se nós conseguimos encontrar alguns bichinhos. Estou morrendo de fome.

Petri, Chipe e Margo apostaram corrida até a árvore e Marinho, ainda mal-humorado, seguiu-os, voando devagar. Em pouco tempo, os pequenos pica-paus e mesmo Marinho estavam ocupados fazendo buracos. Acharam muitos bichinhos e logo Chipe matou sua fome.

— Eu vou praticar bicando desenhos no carvalho, disse Margo, que era a artista da família e, sinto dizer, um pouco vaidosa.

— Vou lhe fazer companhia – Acrescentou Petri.

Talvez eu possa terminar aquele lenço de pétalas de flor que estava fazendo para mamãe.

— Bem – Falou Chipe. Vou ver se Cal Cardinal está em casa. Talvez a gente possa jogar tênis. Vi um monte de bolotas caídas que parecem pular bastante. Você vem, Marinho?

— Não, respondeu Marinho, puxando com o bico a casca do olmo, que começou a balançar seus galhos em sinal de aviso e Marinho parou.

— O que você vai fazer? – Perguntou Chipe.

— Não sei – Retrucou Marinho amuado.

— Bem, nós já vamos indo. Você sabe onde nos encontra se quiser brincar.

Com isso, Chipe, Petri e Margo levantaram voo e Marinho ficou sozinho no galho.

Marinho sentou-se, pensando no que iria fazer. Não havia nada que ele realmente quisesse fazer, a não ser talvez, voar para o vale e tirar a casca das bétulas. Isso era bem divertido, pois a casca saía facilmente em longas e bonitas tiras. Mas, na última vez que ele fez isso, o líder dos duendes, que morava ali, reclamou para mamãe Pica-pau e ele ficou em má situação.

Parecia que as pessoas estavam sempre reclamando dele para sua mãe. Por que elas não o deixavam em paz?

Marinho voou sem rumo. Não estava com vontade de brincar com ninguém em especial e certamente não queria praticar suas lições de voo ou fazer buracos. Não estava com fome e por isso não queria sair caçando bichinhos. O que ele realmente queria era fazer alguma coisa diferente.

Sem pensar para onde ia, Marinho voou para à estrada onde estavam os postes telefônicos. Uma vez, seu primo Alberto fez um enorme buraco em um poste de telefone e, em seguida, foi apanhado, ficando em apuros. Mas, ele afirmou

que, caso tivesse uma oportunidade, faria isso de novo porque há um sabor especial nos postes de telefone, embora os insetos não se aproximem deles.

Marinho empoleirou-se no primeiro poste de telefone que encontrou e olhou-o de cima. Era realmente comprido. Que mal haveria em fazer um pequeno buraco naquele poste, bem em cima, perto do topo onde ninguém pudesse ver? Ele adoraria poder dizer a Alberto que também tinha feito isso.

Marinho olhou ao seu redor. Não havia ninguém por perto, exceto a Senhora Coelha, tão apressada com a cesta de compras que não podia reparar no que ele estava fazendo. Só uma provadinha, só para sentir — e, então, iria jogar tênis com Chipe e Cal e ninguém jamais saberia.

Tudo certo — ele faria isso! Nada poderia acontecer.

Marinho olhou mais uma vez ao seu redor e começou a trabalhar: furou o lado de fora do poste e certamente não gostou. Ugh! O que os homens colocavam nessas coisas para que ficassem tão azedas? Certamente nada *nascia* com aquele gosto.

Alberto estava louco. Isso não era bom — era horrível!

Marinho estava prestes a parar, enojado, quando provou algo diferente — algo doce e incomum. Era parecido com a mistura da seiva de várias árvores.

Marinho furava cada vez mais fundo. Alberto, parece, tinha razão. Uma vez passada a parte externa, aí ficava um verdadeiro regalo.

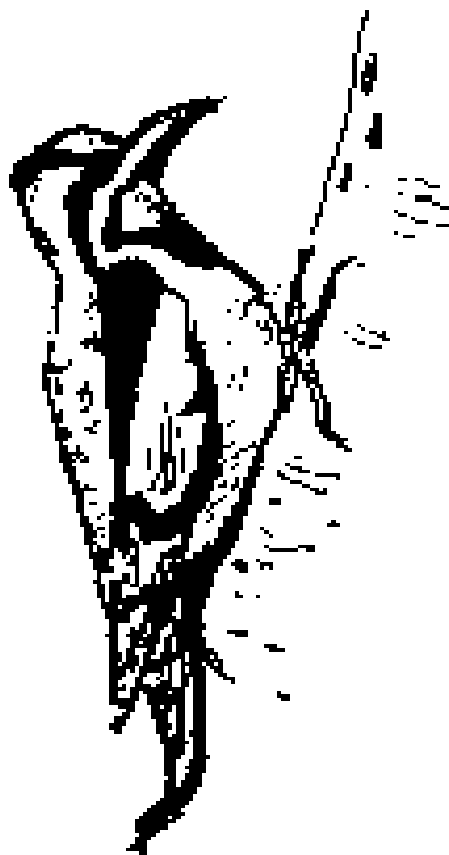
— Puxa, como isto é bom! Marinho furava cada vez mais, saboreando aquela coisa deliciosa. Ele teria que contar isso a seus irmãos. Mesmo Petri, que nunca fazia nada errado, teria que experimentar.

Marinho continuou furando. Em pouco tempo, o minúsculo buraco foi transformado numa enorme fenda com muita sujeira. Ele já não estava tomando nem um pouco de cuidado. Esqueceu tudo, menos de concentrar-se para conseguir cada vez mais pedacinhos saborosos. À serragem voava para

todo lado e ninguém, vindo da estrada, poderia deixar de ver aquele monte acumulado no chão.

Marinho estava com a cabeça enterrada no poste e continuava cavando. De repente, parando para tomar fôlego, ouviu um terrível berro do chão. Ficou muito assustado: as penas e suas costas ficaram em pé. Tirou a cabeça do buraco com cuidado e olhou para baixo. Viu um carro parado perto do poste e, ao lado, agitando os punhos em sua direção, o Homem da Companhia Telefônica!

Ele estava dizendo alguma coisa — ou melhor, gritando. Estava muito longe para Marinho entender — o que dava na mesma — mas sabia que o homem estava muito bravo. Ele sacudiu mais uma vez os punhos e gritou muito alto. Aí, então, voltou-se rapidamente, entrou no carro, bateu à porta e saiu tão depressa que espalhou para todos os lados a serragem acumulada no chão.



Marinho sentou-se no topo do poste sentindo-se fraco até para voar. Sabia que o homem da Companhia Telefônica contaria a seus pais e este problema seria provavelmente o maior que ele já tivera. Perdera até a vontade de continuar o buraco — na realidade, ele estava com dor de estômago.

— Oh, céus! Que farei? Gostaria de poder voar para longe e nunca mais voltar, mas estou muito fraco por causa do susto e sentindo-me mal com todo aquele poste telefônico que comi. Não conseguirei voar nem até a árvore mais próxima!

Duas grandes lágrimas rolaram em seu rosto, suas penas murcharam, e suas asas estavam totalmente caídas. Ele começou a sentir tonturas e, apavorado, viu que estava tendo grande dificuldade para manter-se equilibrado no topo do poste. Uma coisa que nunca havia acontecido antes! Ele balançava perigosamente para frente e para trás e percebeu que cairia, se não fizesse alguma coisa. Havia apenas uma coisa para fazer — a pior coisa que poderia acontecer a um pica-pau. Teria que descer e ficar no chão até sentir-se melhor. Marinho rendeu-se, juntou todas as forças que pôde, levantou as asas com grande esforço e, fechando os olhos, deslizou de cima do poste até o chão.

Ele caiu exatamente na serragem e ali permaneceu. Você nunca viu um pica-pau tão sujo. Estava coberto de serragem e nem se preocupou em sacudi-la de suas asas. Suas penas estavam como se ele tivesse acabado de sair de um vendaval; seu rosto molhado de lágrimas - - na verdade *ainda* estava chorando — e até o bico estava decaído.

Marinho ficou contente por não haver muito tráfego na estrada naquele momento. Tinha alguma ideia de sua aparência horrível e sentia-se muito pior ainda, por isso não queria que ninguém o visse naquele estado. Sentia-se tão infeliz que não conseguiu fazer nada além de pôr sua cabeça embaixo da asa, tentando acreditar que estava escondido.

E ali estava ele, na mesma posição e ânimo ou até pior, quando, meia hora mais tarde, ouviu um carro chegar, parar, uma porta abrir-se e vozes. Mesmo assim, não tirou a cabeça debaixo da asa. Então, o som de uma voz familiar fez seu coração quase parar de bater.

Vagarosamente, tirou à cabeça debaixo da asa e abriu os olhos. Ali, olhando para ele, estavam o homem da Companhia Telefônica e o Papai Pica-pau. Marinho entendeu imediatamente o que tinha acontecido. O homem da Companhia Telefônica tinha ficado tão zangado que fora diretamente ao escritório do Papai Pica-pau contar sobre o buraco que Marinho havia feito. E nada perturbava Papai Pica-pau tanto como ser interrompido em seu trabalho. Agora Marinho estava realmente em apuros.

— Bem, meu jovem, o que você tem a me dizer a seu favor? Papai Pica-pau olhou-o severamente, não mostrando a mínima compaixão pela sua desgraça.

Marinho engoliu e não disse nada. As lágrimas apareceram de novo em seus olhos.

— Você fez aquele buraco e este monte de serragem? Papai Pica-pau continuou impiedosamente.

Marinho engoliu de novo e inclinou a cabeça.

— Já não lhe disseram para não chegar perto dos postes de telefone?

Marinho inclinou a cabeça de novo e tentou enxugar os olhos com a asa.

— O que você pretende fazer a respeito disso?

— Eu não sei – Sussurrou Marinho.

— Você não sabe, repetiu Papai Pica-pau. Pode me dizer quem deveria saber se você mesmo não sabe?

Marinho parecia infeliz e não disse nada.

Papai Pica-pau virou-se para o homem da Companhia Telefônica e concluiu:

— Acho que ele pode começar a trabalhar imediatamente. Ainda é cedo e ele pode consertar este buraco antes de escurecer.

— Ótimo, disse o homem da Companhia Telefônica. A cola e os pedaços de madeira estão aqui no carro.

Os dois foram até o carro.

— Venha também Marinho, chamou Papai Pica-pau, olhando para trás por cima dos ombros.

— M-m-m mas, gaguejou Marinho.

— Venha, disse o pai num tom de voz muito sério. O homem da Companhia Telefônica vai lhe mostrar o que você deve fazer. Aí, ele e eu vamos voltar ao trabalho.

— Mas meu estômago está doendo – Lamentou-se Marinho.

Papai Pica-pau virou-se, pondo suas asas na cintura, dizendo:

— Marinho, tenho certeza de que não só seu estômago dói, mas também sua cabeça, seu bico, suas penas. Espero que também sua consciência esteja doendo. Tudo isso não faz a mínima diferença. Você deveria ter pensado nisso antes de desobedecer a sua mãe. Não vou discutir mais sobre isso. Venha e não desperdice o nosso tempo.

Então, o pobre Marinho, fraco, doente e infeliz como estava, não teve outra escolha a não ser seguir, mancando, o pai e o homem da Companhia Telefônica. Queria saber como deveria consertar o poste — como podia alguém consertar um poste? Ele já tinha feito um buraco nele. E como poderia trabalhar no topo do poste? Estava tão atordoado que não podia sequer voar até lá, muito menos ficar lá em cima. Oh, por que, por que não ouvira sua mãe apenas uma vez?

Quando chegaram ao carro, o homem da Companhia Telefônica pegou pedacinhos de madeira e um vidro de “Cola”. Marinho nunca tinha visto cola antes e não tinha nem ideia para que servia. O homem mostrou-lhe como pôr cola em dois pedaços de madeira e segurá-los juntos até que estivessem grudados.

— É assim que você deve consertar o buraco no poste, ele disse. Encontre pedaços de madeira que se encaixem, cole-os e coloque no buraco. Se os pedaços não se encaixarem, você terá que moldá-los com o bico.

Tenho certeza de que você se sairá muito bem! Alguma pergunta?

Perguntar? Marinho tinha uma grande pergunta, que era: Como vou fazer isso? E outra pergunta era: Você não vai ficar para me ajudar? Mas não perguntou nada, apenas olhou para o chão, porque já sabia as respostas.

— Bem, já que não há perguntas, acho que podemos ir, disse Papai Pica-pau para o homem da Companhia Telefônica. Se você vai passar pelo meu escritório, eu gostaria que me desse uma carona.

— Com prazer – Disse o homem. Entre.

Papai Pica-pau começou a entrar no carro, mas voltou-se novamente para Marinho:

— Mais uma coisa: quando você acabar de fechar o buraco, limpe toda esta sujeira do chão. Não precisa sujar o mundo inteiro. Pegarei você aqui depois do trabalho e espero ver seu serviço terminado. E limpo.

Papai Pica-pau e o homem entraram no carro e saíram, deixando Marinho atrás deles, olhando-os tristemente. Então, ele olhou para a madeira, a cola, a serragem, depois para o topo do poste, e sentiu-se tonto novamente. Seu estômago doía ainda mais. Sentou-se e começou a chorar. Sentiu-se sozinho e triste, como se ninguém ligasse para o que aconteceu com ele. Nunca em sua vida estivera tão infeliz e sem esperança. Queria que sua mãe ou seus irmãos

estivessem por perto. Eles seriam pelo menos compreensivos. Sabia que Petri faria tudo o que pudesse para ajudá-lo a consertar o buraco.

Mas ninguém veio e Marinho chorou por muito tempo. Finalmente, parou e olhou para cima de novo. O Sol já estava alto e ele sabia que era quase meio dia. Por isso, achou melhor começar o trabalho, ou nunca o terminaria.

Marinho colocou alguns pedaços de madeira no seu bico e voou para o alto do poste. Quer dizer, chegou até o alto do poste. Você certamente não chamaria todo aquele bater de asas e tumulto que ele fez, de um voo. Mas ele chegou lá e, atordoado como estava, só ficou o suficiente para colocar a madeira no buraco. Depois desceu para pegar a cola e subiu com ela.

Então, Marinho começou a trabalhar. Nenhum dos pedaços de madeira pareciam se encaixar e quando ele tentava cortar um pedaço no tamanho certo, ela rachava e não servia para mais nada. Quando conseguiu dois pedaços que se encaixavam e tentou colá-los, sujou as asas e até os pés de cola.

Ele sentiu-se péssimo. Mas estava contente por ter que trabalhar dentro do buraco, pelo menos no início, pois se estivesse na beirada, ficaria tão tonto e provavelmente cairia. Seu estômago doía. E sua garganta estava ressecada por causa do pó que ele estava levantando e da cola que se espalhara pelo buraco todo.

Marinho trabalhava e trabalhava e trabalhava. Mas, por mais que tentasse — e devo dizer que ele realmente tentou — parecia não estar fazendo nada além de tornar as coisas piores. O interior do buraco estava coberto por uma massa pegajosa de cola, serragem, pedacinhos de madeira quebrada e mais cola. Por duas vezes, os pés de Marinho ficaram tão presos na cola que levou um tempo enorme para tirá-los de lá.

O Sol descia cada vez mais no horizonte e estava chegando ao fim da tarde.

Marinho tinha perdido a noção do tempo, mas sabia que não teria nada

terminado quando seu pai voltasse, e logo novas lágrimas quentes se misturaram à cola que lhe cobria a face toda.

De repente, ouviu um barulho e sentiu que o poste vibrava um pouco. Virou-se e viu o homem da Companhia Telefônica e Papai Pica-pau, que tinham subido no poste e estavam olhando dentro do buraco, e Papai Pica-pau estava parado, na beirada do buraco, a seu lado.

— Bem, Marinho, vejo que você ainda não acabou – Disse o pai.

— Não, senhor, murmurou Marinho infeliz.

— Você começou bem? – Perguntou o pai.

— Não, senhor – Repetiu Marinho.

— Não, acho que não. Acho até que este buraco está pior do que quando você começou a restauração. E você também não parece nada bem, disse o pai, num tom mais carinhoso do que aquele que usara de manhã.

Ele voltou-se para o homem da Companhia Telefônica:

- Receio que meu filho não seja capaz de fazer este trabalho. Até agora ele não aprendeu muito sobre coisas construtivas — só coisas destrutivas. Penso que terei de lhe pagar pelo conserto.

Marinho ficou ouvindo o pai e o homem combinarem o preço do conserto e a melhor maneira de limpar toda aquela sujeira que ele tinha feito. Ele nunca havia se sentido tão arrasado e insignificante em toda a sua vida. O que seu pai tinha dito? Ele não aprendeu muito sobre coisas construtivas — só coisas destrutivas. Destrutivo! Isso é o que ele era e tinha sido o tempo todo.

Por que ele não tinha compreendido aquilo antes? Tudo o que fazia ultimamente parecia errado: ele era desobediente ou destrutivo!

Não é de se admirar que ele estivesse sempre em apuros. Pensou em Petri e como ela era construtiva, estava sempre pensando em fazer os outros felizes e

em ser boa para todos. Ele gostaria de ser como ela, e de estar fora daquele buraco, de estar bem limpinho e sobretudo que seu pai não estivesse mais zangado. E desejou, mais que tudo, que tivesse ido jogar tênis de manhã com Chipe. Assim, não teria se metido naquela enroscada toda.

O pai e o homem terminaram a sua conversa. Então, Papai Pica-pau disse para Marinho:

— Tudo bem, filho, vamos. Eu vou levá-lo para tomar um banho no bebedouro de pássaros do jardim da Senhora Webster para ver se tiramos toda esta sujeira.

Sua mãe morreria de vergonha se visse você assim.

Marinho levantou-se e foi vagarosamente para o lado de seu pai e repentinamente virou-se para o homem da Companhia Telefônica e disse:

— Sinto muito por ter sido tão mal e por ter feito o buraco e não ter conseguido consertá-lo. Não sei quanto papai terá que pagar, mas eu vou pedir-lhe que tire da minha mesada. E prometo tentar não ser mais destrutivo.

O homem da Companhia Telefônica fez uma coisa surpreendente. Ele esticou a mão e apertou a asa de Marinho — melada de cola como estava.

— Está bem, filho. Sei o que é ser um garoto e meter-se em confusões. Tenho alguns meninos também. O mais importante é você aprender a lição — e acho que desta vez você aprendeu.

— Você tem um bom rapaz, Senhor Pica-pau, continuou virando-se para o pai de Marinho. Foi muito atencioso da parte dele pedir desculpas sem ter sido mandado e oferecer-se para pagar a despesa. Vou dizer o que eu gostaria de fazer, se o senhor e seu filho não se importarem. Em vez de fazê-lo pagar, eu gostaria que ele me ajudasse a consertar o buraco. Assim, ele aprenderá a fazer isso e eu terei a sua ajuda para trazer as coisas para cima e não precisarei ficar subindo e descendo a toda hora.

O pai olhou para Marinho e este viu uma nova luz em seu olhar — quase como se ele tivesse um pouco orgulhoso dele.

— O que você diz disso filho? – Perguntou.

— Eu gostaria de ajudar, disse Marinho. Gostaria de aprender como se conserta um buraco e, se eu não puder fazer nada mais, certamente poderei voar para cima e para baixo, carregando os pedaços de poste.

— Ótimo, então está combinado, disse o homem. Você começará amanhã?

— Claro – Disse Marinho.

— Muito obrigado, disse o pai, e ele e o homem da Companhia Telefônica deram-se as mãos.

— Vamos, Marinho. Há muito o que lavar em você antes de irmos para casa.

Marinho voava ao lado de seu pai e notou, para seu espanto, que estava voando muito mais estável do que antes, exceto, claro, por toda aquela cola em suas asas, que tornavam as coisas um pouco difíceis. Mas sentia-se mais leve por dentro e, que esquisito, seu estômago, cabeça e penas pararam de doer.

Quando chegaram ao banheiro dos pássaros, o pai de Marinho começou a esfregá-lo. Não era fácil, mas usando espiga de salgueiro como esponja e alguns cardos para remover o grosso da cola, ele conseguiu. Os cardos machucavam, mas isso não podia ser evitado. Quando terminaram, o pai ficou desesperado com a sujeira do bebedouro, mas sabia que o Senhor Webster o enchia todas as noites com água fresca da mangueira e no dia seguinte tudo estaria limpo. (Papai tinha certeza também que o Senhor Webster nunca entenderia como aquela cola toda tinha aparecido ali!)

Ao voar para casa, mesmo cansado e com fome, Marinho sentiu-se bem melhor do que vinha se sentindo há algum tempo. Ficou pensando no que disse o homem da Companhia Telefônica, que o chamou de ‘bom rapaz’. Até

esse dia ninguém havia dito algo assim sobre ele, apenas coisas como: “Oh, que menino malcriado”!

— Papai, disse ele, de repente. Será que eu poderia ir às aulas de voo de verão, quando as férias começarem? Gostaria muito de poder voar em formação, naqueles voos de longa distância e acho que me sairei melhor se tiver outra oportunidade.

Papai Pica-pau olhou para Marinho um pouco surpreso e sorriu:

— Claro, Marinho. É uma ótima ideia. Mamãe e eu ficamos muito preocupados pensando em como você iria alcançar a sua classe no outono. Assim, acho que você conseguirá.

Quando estavam chegando perto de casa, Chipe voou na direção deles para encontrá-los.

— Você deveria ter ido com a gente, Marinho, ele disse. Tivemos um grande jogo.

— Da próxima vez eu tenho certeza de que irei com vocês, afirmou Marinho. Mas hoje eu tinha outra coisa para fazer: aprender a ser construtivo; e daqui para frente é o que vou ser.

Ao entrarem, Papai Pica-pau colocou sua asa afetuosamente sobre os ombros de Marinho:

— Bom rapaz! – Exclamou ele”.

